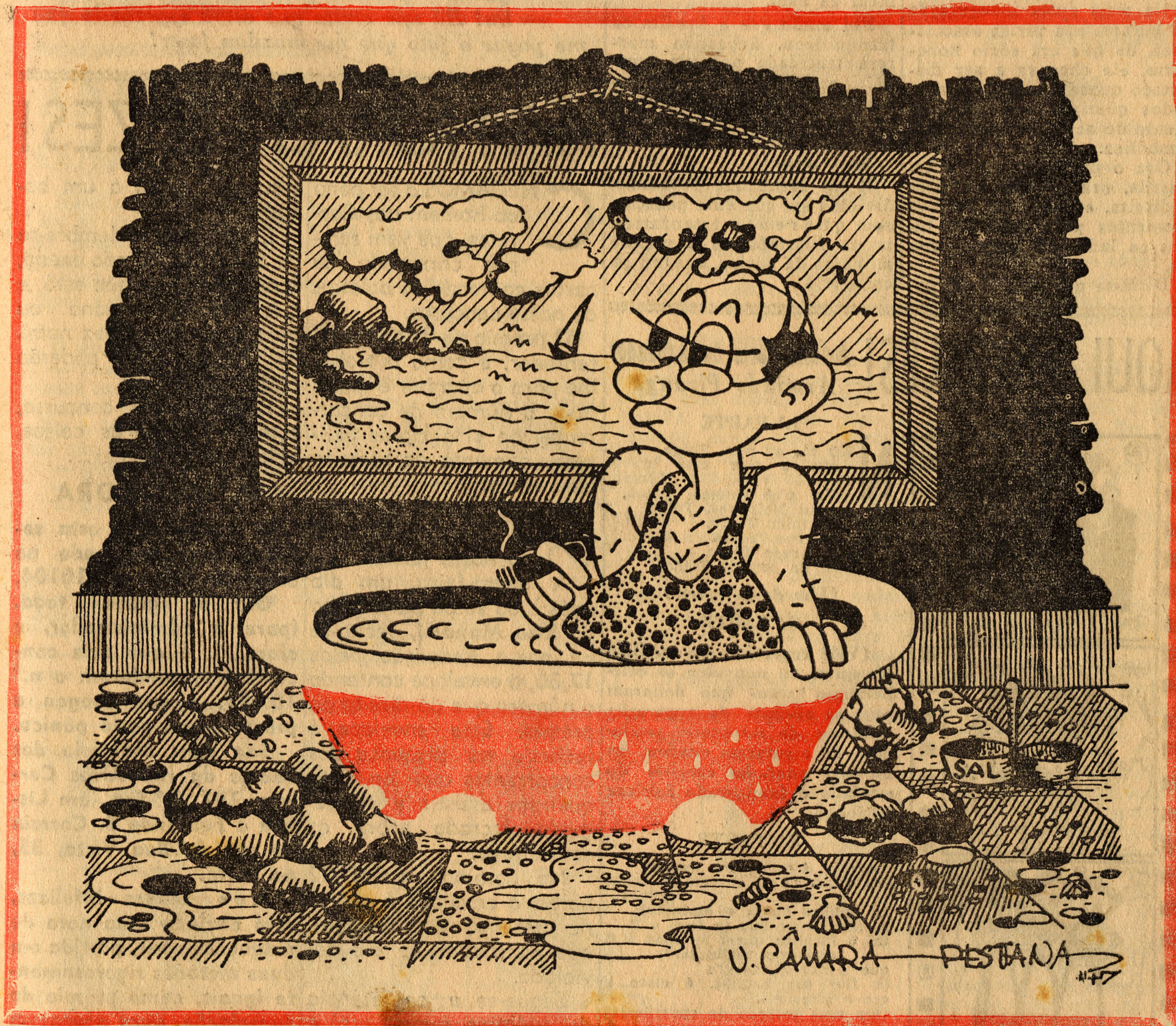




Director (interino) e Proprietário: Jerónimo Piteus de Sousa ★ Editor: Francisco Amaral Duarte ★ Redactor principal: Mário de Meneses Santos ★ Redacção e Administração (Provisórias): Rua da Misericórdia, 14—Lisboa ★ Composição e Impressão na Sociedade Industrial de Imprensa — Rua Luz Soriano, 67 ★ Distribuidores: Agência Argos — Rua da Assunção, 42, 2.º — Telefone 20925

## NA COSTA DO SOL... POSTO



### A PRAIA DUM EMPREGADO MAL PAGO

## UM CONTO SINTÉTICO

**S**EBASTIÃO tinha uma coisa que desde criança lhe obsecava o espírito: o medo de morrer e de não ser enterrado!

Levou a sua vida a fazer bem e foi um grande dador de «massa» para todas as obras de beneficência, bombeiros, sociedades de recreio, etc.

No entanto, com a sua eterna preocupação, desatou a fazer-se sócio de inúmeras associações de socorros mutuos, que lhe davam o direito a um funeral de graça, com toda a comodidade e segurança, além de banda de musica e estandarte da colectividade.

Sebastião, o benemérito, tornou-se popular e querido do seu semelhante. Quando havia mais duma inauguração de bufetes nas várias associações, de que era sócio honorário, ele chegava a ser disputado quase a murro, porque todos queriam ver, no momento do acto, a cortar a fita simbólica.

Ora o puxavam para a esquerda, ora o puxavam para a direita, e Sebastião passava tormentos para estar em todos os lados ao mesmo tempo.

Dizia-se que pagava em co-

tas, por mês, o dobro da renda da casa, com a insignificancia de três «quilos» — quatro divisões, duas casas de banho e elevador — e que a bicha dos cobradores, aos primeiros do mês, era de tal ordem, que batia o recorde da dos bilhetes para a bola, em desafios internacionais (quando as bilheteiras abrem, é claro...).

Um dia, espalhou-se pela cidade a terrível notícia: morrera Sebastião, o benemérito!

Receou-se uma guerra civil entre as colectividades e as associações dos socorros mutuos... Lisboa inteira estava alarmada, porque todos queriam fazer o enterro ao homem de bem.

Foi então que a família os tranquilizou. Sebastião morrera trucidada por um com-bóio, o que dava aos seus reconhecidos admiradores a vantagem de o poder enterrar, um bocadinho para cada colectividade!

E foi assim que Sebastião, dividido em quarenta pedaços, com quarenta estandartes, trinta filarmónicas e muitos milhares de sócios, chegou ao cemitério...



— Quem é que está há mais tempo á espera?

— Eu! Há seis meses que estou esperando que me pague o fato que me mandou fazer!

## HA HORAS FELIZES!

**C**HEGAMOS a ter pena do homem dos Correios, que vem sempre carregado de cartas contendo os boletins do nosso concurso.

O prémio de 1.000\$00 é tentador, e como o trabalho para o apanhar é quase nulo, o número de concorrentes ao «Há Horas Felizes», aumenta de semana para semana.

O regulamento continua a ser o mesmo, desde o n.º 1 do nosso jornal:

À sexta-feira, um dia após o da saída para a rua do **Riso Mundial**, fecha-se na nossa Redacção, pelas 17,30, o envelope contendo o número que dá direito ao prémio. Este envelope é fechado na presença dos concorrentes que ao acto queiram assistir e em seguida lacrado sobre as assinaturas.

No domingo, pelas 22 horas, o envelope é aberto na presença dos mesmos, que verificam se ele foi violado.

Segue-se a conferência dos boletins, que se está a fazer neste momento, e da qual só poderemos dar o

resultado daqui a um bocado.

E entretanto lembre-se de que o prémio não azeda, apesar do calor que está, e que para a semana ou para a outra, as dez notas de 100\$00 lhe poderão entrar nos bolsos.

Porque, neste concurso, como em todas as coisas, «Há Horas Felizes»...

### ULTIMA HORA

O numero que esta semana fora encerrado no envelope era o n.º 10104.

Ora a «graça» toda, (para o administrador, é claro...), é que dois concorrentes mandaram o n.º 10.101, o que chegou a provocar um certo pânico.

São eles: Maurício dos Santos da rua Alves Correia, 197, 4.º-Esq., em Lisboa e Fernando S. Correia da rua da Boa Vista, 35, no Porto.

Aos felizes - infelizes, será enviada uma nota de cinquenta paus, partida em duas metades rigorosamente iguais, como prémio de consolação, para afogarem o calor em meia duzia de cervejas...

## AQUI MEIRELES! documentário do realizador Armindo Piranga

### 1.ª PARTE

**N**ÃO vás ao mar, Toino que o mar está bravo, [Toino, Toino, Vai pr'ó cinema, Toino, Ver o «qui Meireles», Toino, Olha que lindo Toino, Os pescadores, Toino, a puxar a rede Toino do papel do cenário Toino!

(Fim da 1.ª parte)

### 2.ª PARTE

(Vidé repertório do sr. Belo Marques, ou «ouvidé» os celeberrimos saraus que deitaram para as oficinas de reparação milhares de receptores, estafados de escutarem sempre as mesmas estafadas canções do estafado e famigerado folclore nacional.

### 3.ª PARTE

Alecrim, Alecrim aos molhos, por causa de ti choram os meus olhos... (o publico chora o dinheiro) Ai meu amor que te disse a ti (ai ó Piranga quem te disse a ti que eras realizador?) que a flor do monte (a flor das batatas, é claro...) era o alecrim... (era uma pateada de ensurdecer)

(Fim da 3.ª parte. Ao intervalo, o resto da película arden. felizmente!)



## Graça doutros tempos

## A PÉRFIDA GABRIELA

(drama realista em 2 actos)

I  
ACTO PRIMEIRO

(A cena representa o luxuoso «boudoir» da Pérfida Gabriela. E' noite tempestuosa).

## CENA I

Confiante Artur. Criada distraída

Confiante Artur (falando para os bastidores) — Aviate Gabriela. De contrário não chegamos ao primeiro acto.

Criada Distraída (entrando com a carta) — Minha senhora, está aqui uma carta... Ah!

Confiante Artur — Que é, Criada Distraída?

ANEDOTAS  
COM MULETAS

Natália: — No sábado é o dia de anos do meu noivo, e eu quero fazer-lhe uma surpresa.

Emília: — Porque não lhe dizes a tua idade certa?

★

O director da penitenciária: — Você deve saber que aqui todos os condenados são obrigados a trabalhar; mas dou-lhe a faculdade de se ocupar no que já sabia fazer.

— Obrigado, sr. director.

— Que profissão é a sua?

— Aviador.

★

O cavalheiro que acaba de dançar com certa dama:

— Gosta, então, muito de dança?

— Oh! adoro...

— Nesse caso, porque não toma um bom professor?...

por A. Pinheiro Chagas

Criada Distraída—Ai! Imaginei que era a senhora... (perturbada) Não é nada, senhor, não é nada. (Procura esconder a carta).

Quase ex-confiante Artur — Criada distraída, dá-me essa carta. Não dás? Suspeitas horríveis me assaltam a mente... Invade-me a cólera... Avanzo para ti, Criada Distraída, e, violentamente, arranco-te a carta das mãos. Rasgo febrilmente o sobrescrito e, com a vista perturbada, leio-a... Céus! Que leio!... (Cai estatelado no chão) Ai! morrerão de desgosto ao saber da minha morte. Passou-me pelo espírito o quadro terrível da morte de tanta criancinha junta... Foi então que se deu o falecimento que me fez vestir este luto e mandei dobrar a finados.

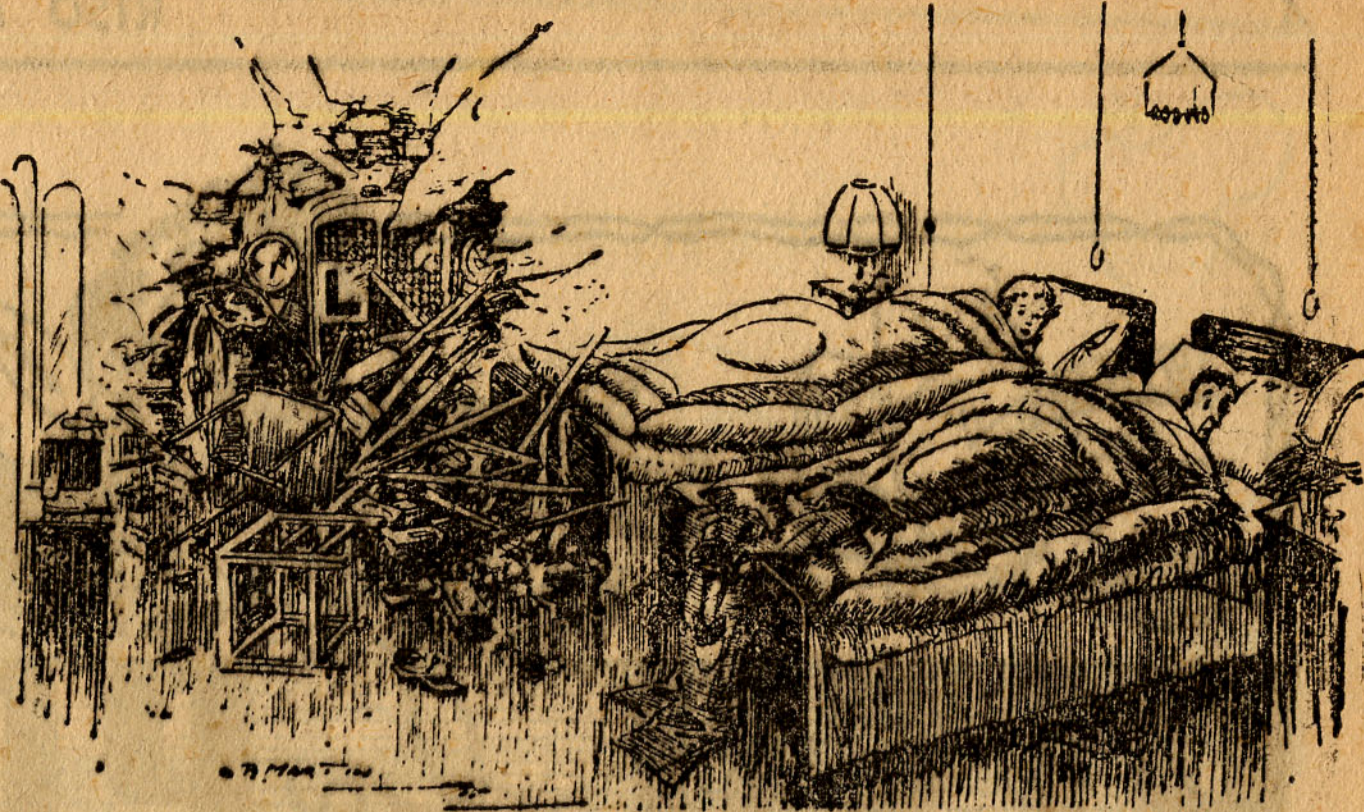
(Cai o pano)

## CENA II

Os mesmos e a pérfida Gabriela

Pérfida Gabriela (assustada com a bulha, entra rapidamente no seu «boudoir») — Oh! (vendo o marido no chão) Que foi isto? Caíste.

Ex-confiante Artur — Ai!... Ui!... Gritos de dor saem-me do peito... Sim, pérfida Gabriela, caí... caí das nuvens ao saber... (áparte) De novo a cólera me invade. (Alto, avançando para a pérfida Gabriela) Miserável! Não, não... Serenemos... (áparte) Disfarço para lhe arrancar um dia surpresa o nome do amante,



A esposa (ao acordar de manhã, na sua casinha de campo): — Muito bem dormi, esta noite, Alfredo. Nem dei pela tua chegada com o carro!

(«The Humoriste»)

e depois... brrr! mato ambos. (Alto) Não é nada, pérfida Gabriela, não é nada... Estava trabalhando. De repente tropecei numa dificuldade e caí num erro... (áparte) Disfarcei bem.

(Cai o pano)

## ACTO SEGUNDO

(A cena representa o quarto do ex-confiante Artur)

## CENA I

Ex-confiante Artur, só, deitado num sofá, de braço e perna ao peito, metidos em aparelho de gesso

Ex-confiante Artur — Andei quinze dias como doido, e só ao décimo sexto é que percebi que, naquela noite tremenda, ao cair das nuvens, quando soube que a pérfida Gabriela me enganava, quebrara uma perna na queda. Caí então em mim e quebrei o braço... Desde então não tornei a mexer-me deste sofá... Mas a pérfida Gabriela de nada desconfia... Enquanto eu aqui sofro tormentos anónimos, isto é, tormentos sem nome, ela atavia-se para o baile das Soisas... Do meu

(Continua na 15.ª pág.)

Aí vai  
a resposta

## AVISO

Tenho cerca de trezentas cartas á espera de resposta. Não se impacientem, nem venham reclamar. Cada carta que entra de novo, mais aumenta o sarilho ...

Jota Nedecar — «Aqui para nós», está desactualizado. Esta secção não nos interessa, porque já cá temos outras no mesmo género.

José da Luca — Muito boas as suas larachas do «Mercado Livre». Mande mais e receba um grande abraço. Em breve aparecerei, para espalhar os restos da «neura» que transportava na pasta...

Pedro de Sagunto (Figueira da Foz) — Desta vez acertou. «Um homem prático» é publicável. Cumprimentos.

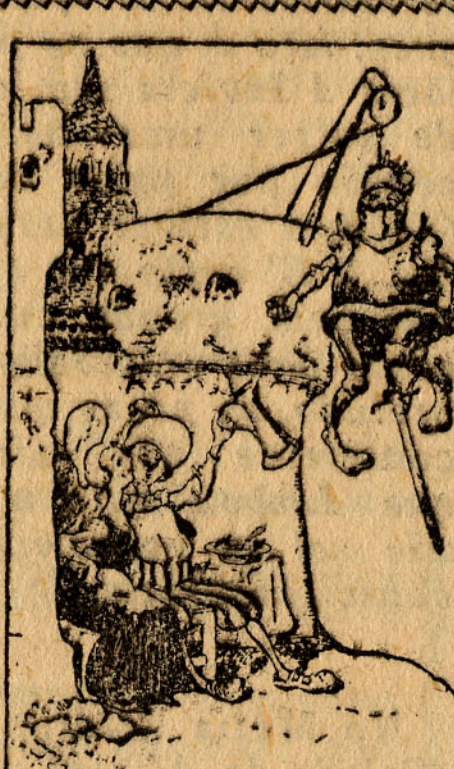
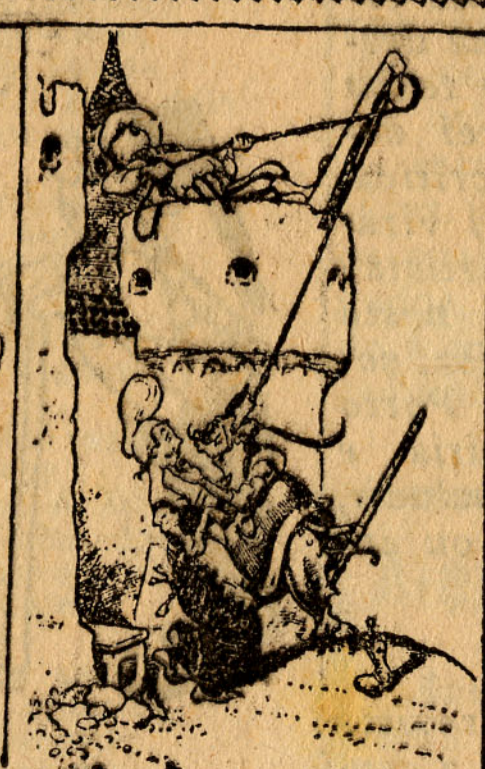
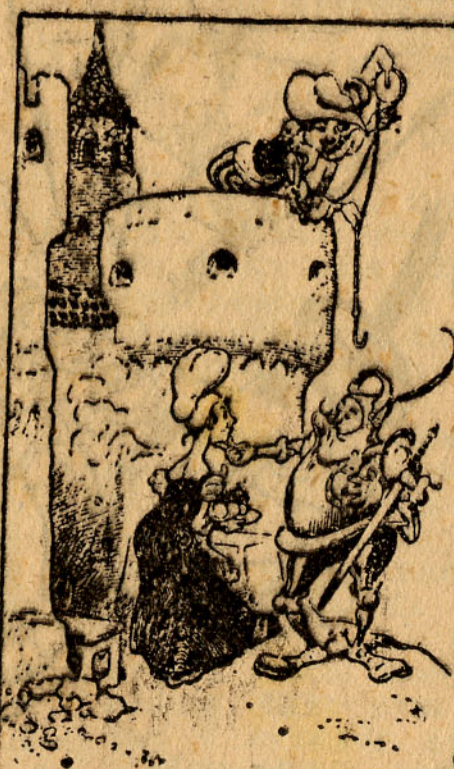
Melro Junior — Engraçada, a carta que me dirigiu em francês. «Cartazes de Lisboa», vai levar uns cortezinhos cá por causa dumas coisas...

Nelson Barbosa (Porto) — A sua colaboração, revela grandes qualidades. «O ladrão» tem piada. «O mosquito e a solitária», sofrerá redução, por ser comprido, mas também tem graça. Continue e não perca o ritmo. Auguro-lhe bom futuro, como humorista.

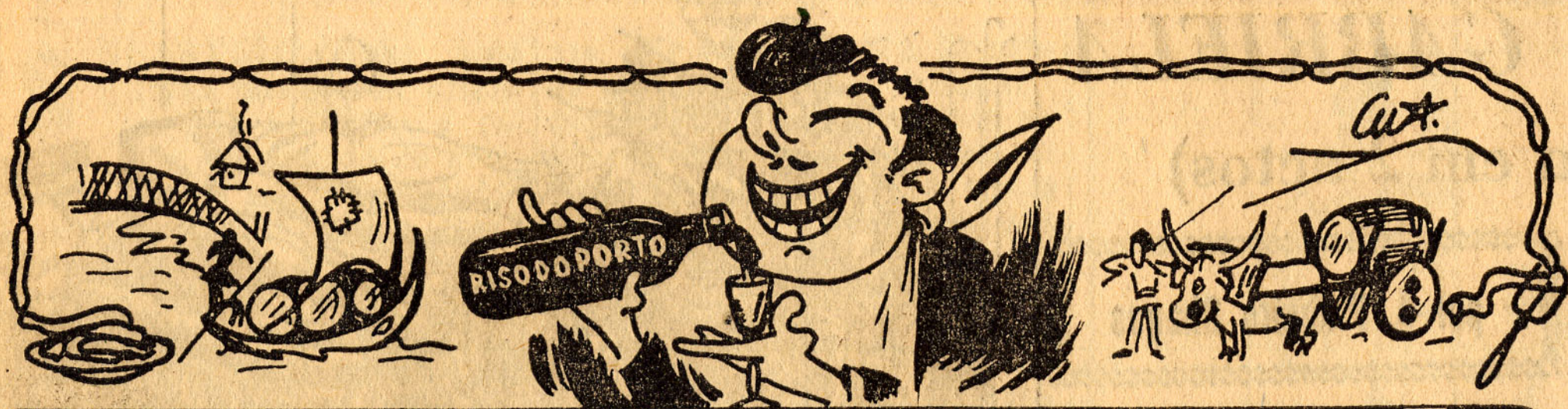
## A fechar

A partir do presente numero, farei esta secção num estilo lacónico que, com toda a franqueza não está em meu hábito, nem ao meu gosto.

Cumpro sempre, disciplinadamente, as ordens superiores, e obedecer é muito bonito...



(Do Almanaque Bertrand)



# RISO DO PORTO

## COISAS DO PAFUNCIO

**F**UI, há dias, a Lisboa. O facto de ter ido a Lisboa não tem interesse publico absolutamente nenhum. Mas sabem quem eu lá fui encontrar? O Pafuncio! «Não pode ser!» — dirá o leitor.

Pois é verdade! Fui encontrar o Pafuncio. Estava nos Restauradores, muito aflito da sua vida, para poder atravessar para o lado onde eu me encontrava. Mal me viu, deitou a correr, para me abraçar, mas, antes que o fizesse, foi multado em 2\$50. Pagou como se não fosse nada com ele e comentou:

— Mais uma. Já estou habituado...

— Pelo que vejo, tens contribuído bem, hein?...

— Ai, não! Eu até já troquei uma nota de 50\$00 em moedas de vinte e cinco tostões para ser mais fácil. Ao princípio, ainda o caso foi bem, mas... Sim, eu tinha que infringir as leis!

— ?!

— Um dos letrados diz assim: «Siga sempre pela direita». Vou eu, subo a Avenida, para ir á feira, e fui, moralmente, obrigado a meter por quantas ruas havia á direita. Resultado: vim dar ao mesmo sitio. Estava já disposto a desrespeitar a lei, quando vejo outro letrado: «Ande sempre pelo passeio!». Cumpro o estipulado e cheguei á conclusão que tinha vindo dar ao mesmo ponto, após percorrer um quarteirão inteirinho. Enervado, pergunto a um polícia se não podia atravessar. «Pode, sim, senhor, mas tem de respeitar as setas» — disse o cívico. Olho para o chão e lá estava a seta. Sigo na direcção indicada, mas do lado de lá outro seta devolve-me á procedência, como se eu fosse de resposta paga. Já era sorte minha! Não havia maneira de sair do mesmo sitio. Mas olho para a pa-

rede e lá estava outro letrado: «Siga sempre em linha recta!». Olha aqui está uma ordem que me parece razoável — disse eu. E atravessei, com a máxima das cautelas, do «café» Palladium para a esplanada do Lisboa. Pois aparece logo um guarda, que me diz: «Está multado!». Ora essa — digo eu — «porquê»? «Por não ter atravessado em

## NOTAS & ECOS DA RIBALTA

**D**ISSE um dia Eduardo Brazão: «O Porto é a pedra de toque do artista!». Nenhuma asserção em matéria teatral me pareceu até hoje, mais verdadeira do que esta. Deve ser por isso, naturalmente, que o Porto se encontra, no actual momento, sem teatro de espécie alguma. E digo isto pelo facto de em Lisboa não haver nada, excepção feita á «A Casa», que para merecer as honras de tal «pedra de toque», isto é, que se possa deslocar á Invicta sem que tenha de sofrer uma horrível decepção por parte da crítica (se esta estiver para aí virada...). E' certo que o «artista» não tem grande culpa neste caso «Este arrazoado visa, sobretudo, as peças que o Porto consciente não admitiria e que Lisboa está a apaludir, não sei se consciente ou inconscientemente...»

★

No Maria Vitória, a revista «Salada de Alface» tem a «subida lata» de nos oferecer um quadro de comédia que é, sem tirar nem pôr, aquela anedota

(Continua na 15.<sup>a</sup> pág.)

linha recta». «Mas em linha recta atravessei eu!». «Não, senhor. O senhor atravessou em diagonal. São só 2\$50!». E não houve maneira de lhe fazer ver que uma diagonal é sempre um segmento de recta.

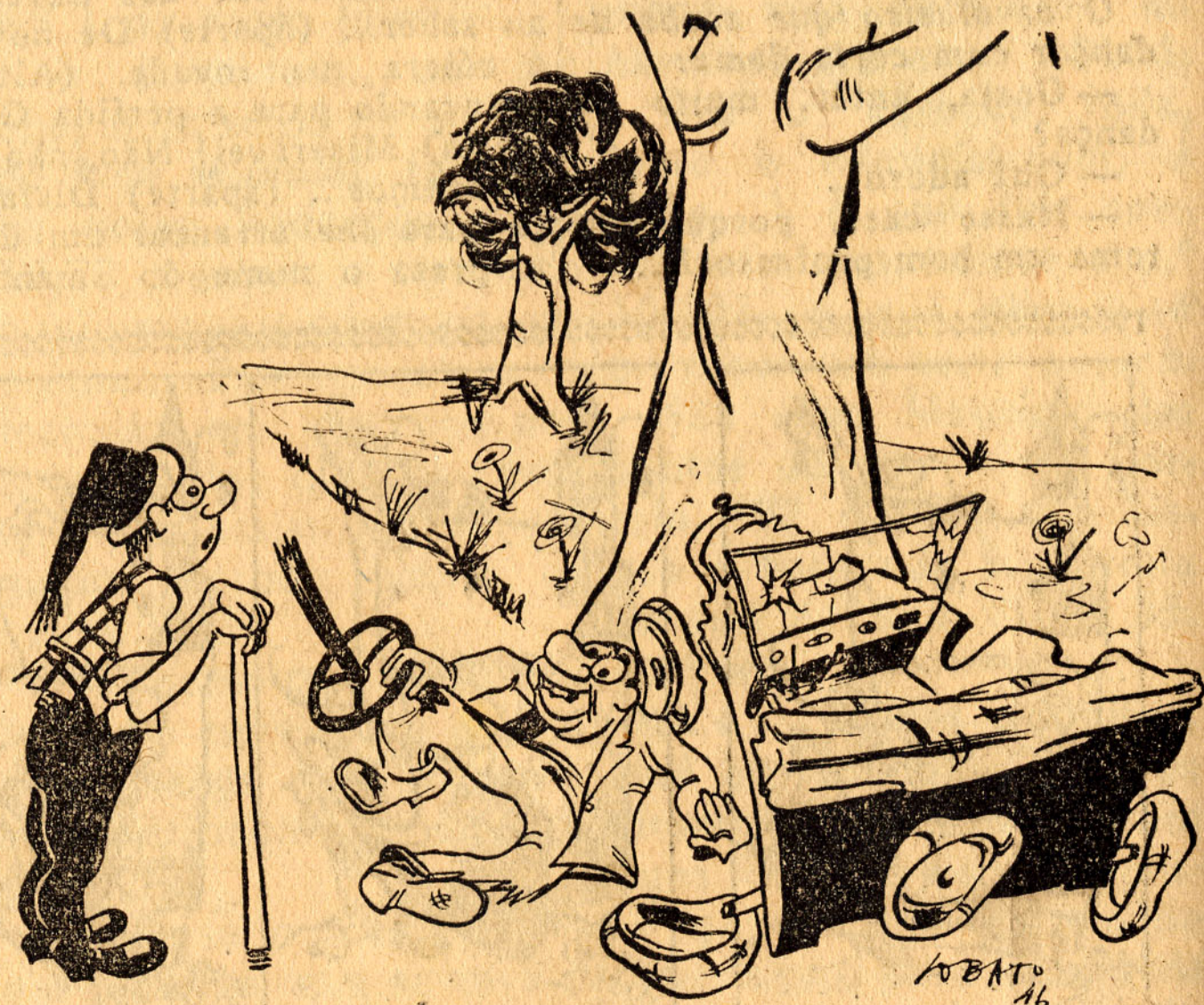
★

Neste momento chega-se um guarda ao pé de nós, muito amável, dizendo-nos, cortezmente, que não podíamos estar parados, mas o Pafuncio atalhou logo:

— Pegue lá os 2\$50.

E, virando-se para mim, comenta:

— Que isto de andar em linha recta, em Lisboa, chega a ser paradoxal! Como é que eles queriam que eu andasse ás curvas, se ainda não encontrrei um verdasco que me levasse a tal?...



— Então o senhor tem um desastre destes e está a rir-se assim?!...

— Ai... por favor... tire-me esse arame das costas que me está a fazer umas cócegas...

## FACTOS FEITOS

**E**STE Riso do Porto de hoje é um Riso todo alfacinha, pois em Lisboa foi escrito e urdido. E ainda que pareça incrível, foi precisa uma deslocação á capital para eu poder avaliar a grandeza do meu Porto. Claro que não se trata de grandeza territorial ou urbanística. Lisboa é, incontestavelmente, maior e... mais ordeira. Os habitantes giram, não em esferas, mas em apitos... Todos muito certinhos a pisar as setas... E' bonito!... A cidade não tem estações provisórias, castiçais da Boa-vista nem entulheiras ao cimo da Avenida...

E' certo que o Porto também não tem uma Praça da Figueira, um Parque (?) Eduardo VII ou uma Estação do Rossio, onde a limpeza é um sarcasmo... Mas porcaria há por toda a parte, graças a Deus! Nem é nisso que o Porto é grande, nem pelo mesmo facto Lisboa se torna pequena! Antes, pelo contrário...

A grandeza do Porto e a evidente inferioridade de Lisboa estão na mesa!... O homem é uma máquina que necessita ser lubrificada periodicamente. E, em Lisboa, a lubrificação de tais máquinas é muito deficiente...

Em Lisboa come-se pouco,

(Continua na 15.<sup>a</sup> pág.)

# O RISO NA PROVINCIA

## AGUEDA

### ECOS

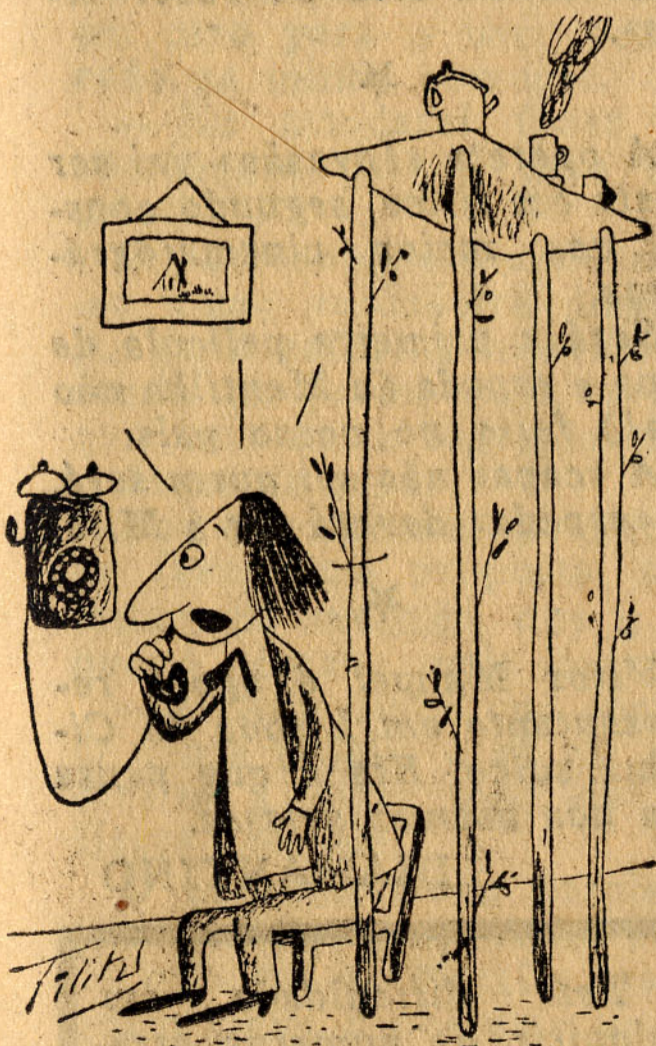
Falar de Águeda... é falar da Avenida do Botaréu, que embora mais nova que a Ponte sobre o Tejo, tem já uma avançada idade... na mente de todos os aguedenses, e cuja inauguração ainda será este século.

Falar de Águeda... é falar das suas ruas e dos buracos das mesmas; Do Orfeão, que todas as semanas capricha em nos arrancar 12\$00 para assistir a uns filmezinhos estrangeiros, que nacionais nunca cá aparecem; Do Recreio, da sua formosa turma de futebol que ficou em lugar de honra a contar do fim da classificação, no ultimo campeonato distrital.

Falar de Águeda... é ainda falar do seu rio, onde desaguam cento e tal canos de esgoto, que tornam as suas águas cristalinas como um cristal embaciado, e lhe dão um perfume que enebria aqueles nadadores que evoluem diariamente na piscina do Nautico Aguedense.

Falar de Águeda... é finalmente falar da sua Camara Municipal, por ordem superior sem ninguém a dirigir os seus destinos, unico processo eficaz para repor novamente a harmonia de onde desapareceu, como desapareceram vinte paus que emprestei a um amigo.

Zé do Vouga



Um senhor que caíu na asneira de comprar uma mesa de madeira verde...

(Do «Cucu»)

## VIANA DO CASTELO

### NO TRIBUNAL

O JUIZ:

— Queixa-se, aqui, o ofendido, Que um pontapé colossal Dado de forma brutal, Lhe aplicou, senhor arguido!

O REU:

— Isso, a mim não se me diz, Não é o caso assim tão grave... Só lhe dei, senhor juiz, Uma paulada suave.

O QUEIXOSO:

— Ah! sôr juiz, que marau! Foi um pontapé certoiro!...

O REU:

— Paulada, seu embusteiro, Pois tenho a perna de pau!

Don Juan

## SANTARÉM

### TRANSI...ÇÕES

Agora que o respeitável peão se habituara a safar-se á justa de quanto desaustinado volante há por aí; agora que

## POESIAS ALEGRES

### INTRIGAS DO BAIRRO

MORO num prédio na Graça e sei tudo o que se passa porque a vizinhança tonta deixa as casas por varrer, deixa as meias por coser, Mas p'ra a má língua está pronta.

Assim, no primeiro andar, sei que mora o Baltazar que é casado co'a Inês. Não sei como ele se governa: passa os dias na taberna a beber «baldes» de três!

Por cima mora o Barbosa; pinta as faces cor de rosa que até me faz aflição. Os rapazes, quando ele passa, dizem-lhe em ar de chalaça: — O' Pipi toma lá grão!

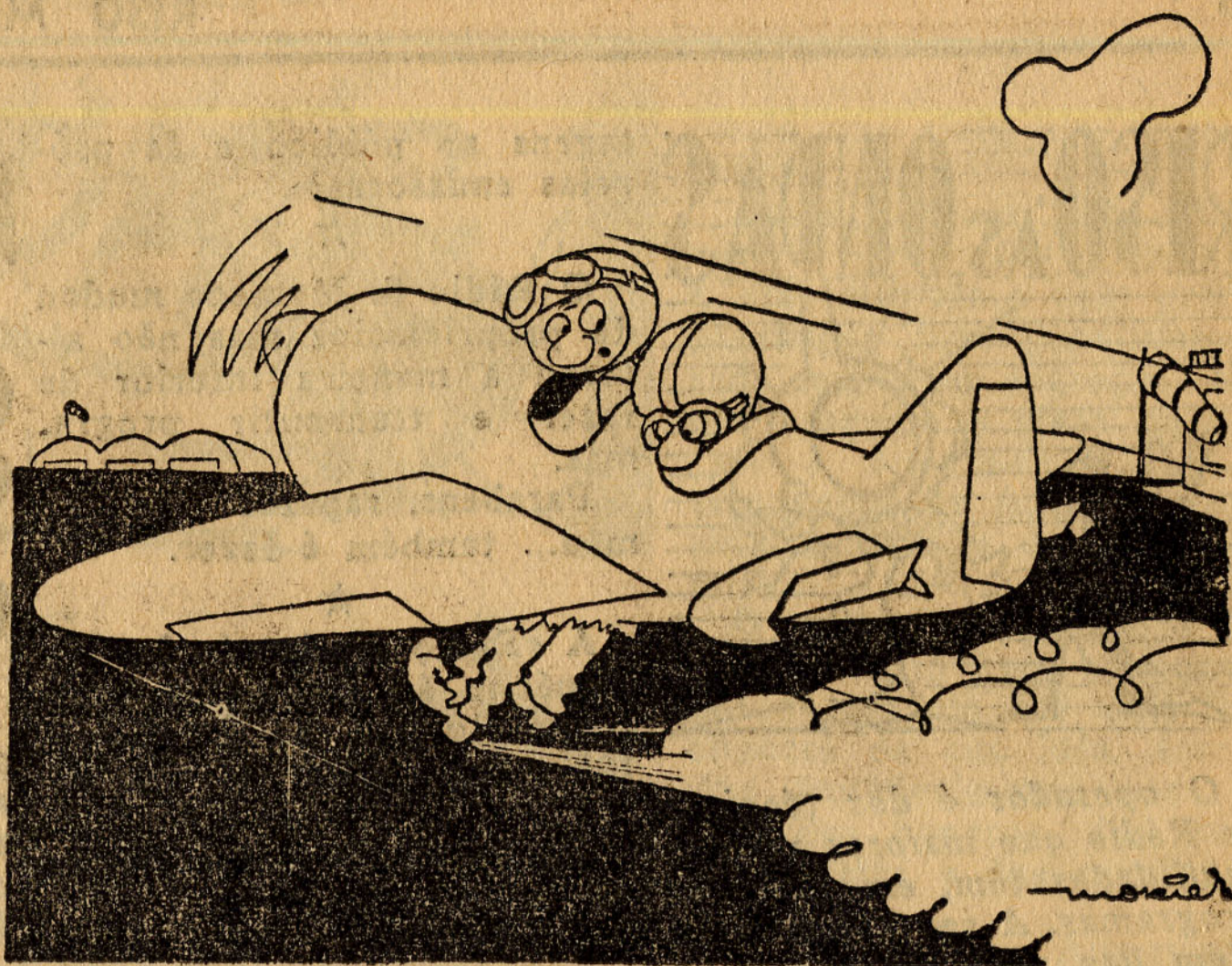
Quando chega tarde a casa, com um grãozinho na asa, o Mota, do rés-do-chão, tem de entrar pela janela, pois á porta... está trás dela a sogra co'um pau no mão.

Mora na água furtada, mais a sua bem amada, um poeta sem vintém. Rua abaixo, rua acima, anda procura de rima... ou ver se «crava» alguém.

A «sopa» do quarto andar, ao domingo, passear vai com o «guita», o Man'el. Grandes passeios não dão porque quase sempre vão p'ra casa da tia dele.

Depois disto, meus senhores, podeis dizer sem temores, que é verdade absoluta: — Esta dama endiabrada, bem se vê que não faz nada, só para estar de ouvido á escuta.

GRAÇA MARIA



O trem de aterragem, não quis sair...

(Do «Ici Paris»)

todo o publico ao Coliseu... perdão, agora que todo o publico se equipara de mascarar anti-gazes, para se escapar aos ditos, escapados dos escapes das camionetas; agora que os cidadãos se debruçavam nos passeios (quais passeios?) entusiasmados com quantos Nicolaus e Trindades de trazer por casa, armavam as ruas em pista, záz, sai uma nova postura de transito que, (oh! transição brusca!) põe a malta toda a dez á hora e, os gazes pela porta fora.

E' bem feito pois então! Nós outros, os que só dispomos de butes, nem a dez andamos. Porque razão haviam os outros de andar a nove?

Só o que é de lamentar é que se multe sem dó nem piedade, o estrangeiro de fora que por aí aparece e que, nalguns casos, prevarica inocentemente. Bem sabemos que há tabuletas indicativas nas entradas da cidade mas são tão pequenas, que podem escapar á visão diucica do «Campbell» mais sagaz.

Há que avisar esses paisanos que pisam nos aceleradores, certos de que o não fazem em calo alheio, ainda em plena estrada e, a grandes caracteres. Depois multem-se então os que não se armarem em cágados, tal como tem acontecido a muito indigenazinho, coitadinho!

Mário, o Loiro

## Atenção Província

Aceitamos correspondentes a rir, em qualquer ponto do país.

Enviem-nos a graça da vossa terra.

## PSICOLOGIA A METRO

TÍMIDO, é um tipo capaz de casar com a sogra, por se acanhar de lhe lembrar que é casado com a filha...

★

A mulher que se ama, é sempre um ídolo, até ao dia em que, na intimidade, repararmos que afinal ela também lava os pés como qualquer outro...

★

Ser magala é possuir a melhor carta de recomendação para qualquer conceituada sopeira da nossa «praça»...

★

Se há tanta mulher... a pedir chuva, porque estranha fantasia o calor não nos deixa de perseguir?...

★

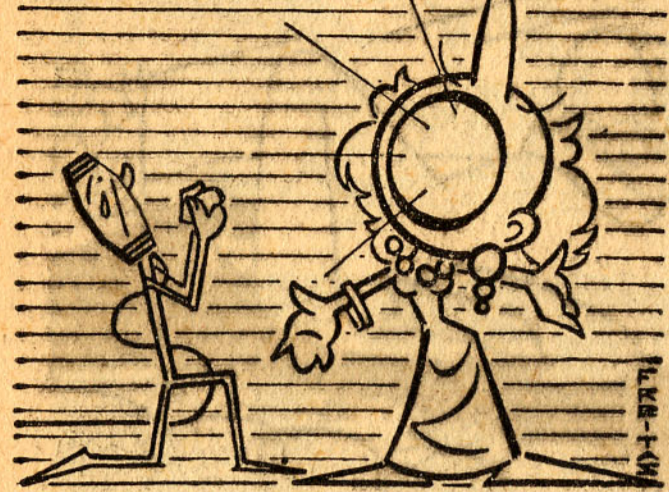
A nossa condição de vida é como aqueles fatos que e adquirem a prestações; paga-se o fato com dinheiro e a vida com arrelias e poucas venturas. Ambos, quando o pagamento se liquida, estão prontos e... liquidados...

★

Não façam aos outros aquilo que não gostarias que te fizessem. Quer dizer, se fores redactor de um jornal e não gostares que o chefe de redacção te não publique o original, não lhe faças o mesmo a ele. Não, porque se aborrece. Mas deve evitar-se, sempre, a cólera dos deuses...

MANUEL PUGA

## RISO AS ONDAS



O operador é dos técnicos de Rádio que maiores responsabilidades tem, em todos os programas. A seu cargo estão, além das pessoas da família, todos os segredos da sonorização. É ele quem tem de cuidar da imensa e complicada aparelhagem das equipas e da educação dos filhos. Graças á sua maior ou menor atenção se devem as intervenções musicais a tempo, que tanto valorizam a produção. Além de tudo isto, o operador tem, ainda, que pagar a renda da casa, até ao dia 8 de cada mês e controlar a saída para o éter do que se passa no estudio ou fora dele. Profissão que nos merece respeito é esta dos operadores da Rádio, incógnitos trabalhadores a quem tanto devem os produtores.

Com o defeso do futebol perdem as emissoras de Lisboa e do Porto, por alguns meses, um dos mais ouvidos assuntos da T. S. F. Para substituí-lo, podem lembrar-se do jogo do botão, que também tem muitos adeptos entre nós.

Ainda falando sobre centralização, perguntamos: Por que não se trabalha no sentido de esta passar a ser feita pelo R. C. P.? Não traria isto van-



— Novo processo de executar um «swing»...  
(Do «Il 420», Florência)

tagens ao público e ás próprias emissoras?

O Rádio S. Mamede mudou de proprietários mas não alterou a maneira inferior de fazer e transmitir programas.

Parabéns, rapazes! Fazer mau... também é fazer.

A «Rádio Nacional» fez um inquérito ás candidatas a artistas ligeiros da E. N., em 1947. A pergunta era: «Se ganhar, o que fará ao dinheiro?» Foram todas unânimes em responder: «Gasto-o».

Fundou-se uma escola preparatória de artistas de rádio... A ideia é muito boa! O pior é que emissora pagante há só uma e não mete artistas todos os dias...

Os postos amadores continuam centralizados! Para quê? Já acabaram as necessidades da guerra que obrigaram á centralização.

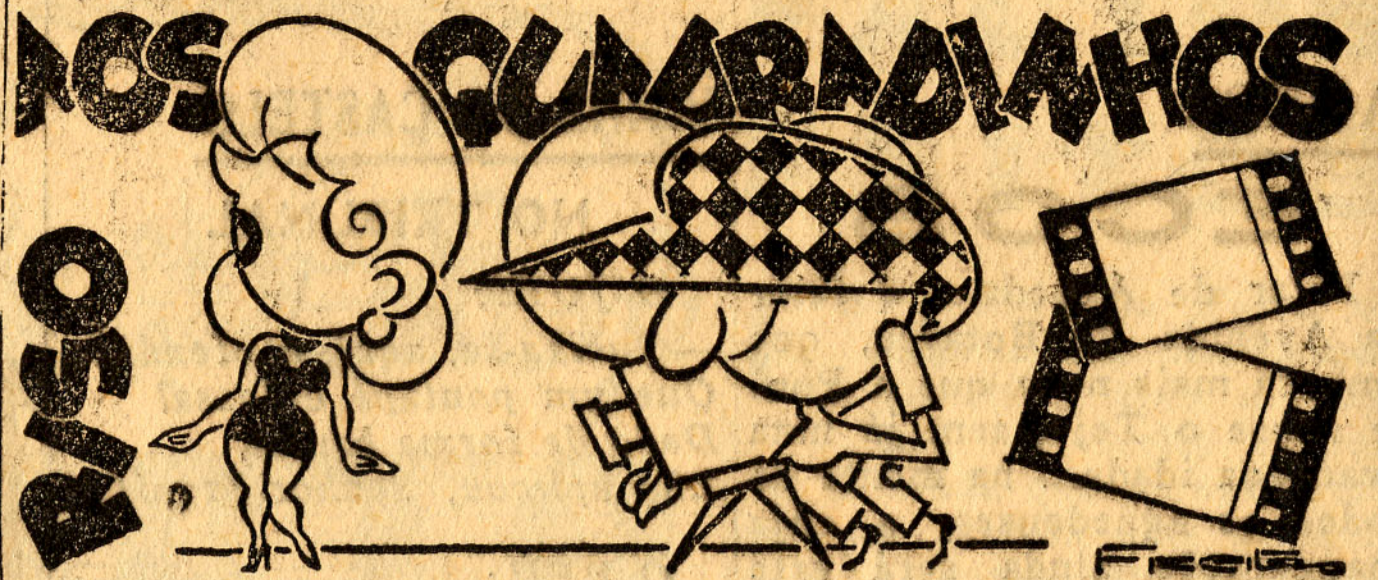


No nosso país cuidou-se sempre muito pouco do bem-estar dos artistas — já não digo do publico! — nos nossos teatros, alguns dos quais datam, ainda, da idade do bronze.

As pessoas que têm a má ideia de abraçar, publicamente, a Arte de Talma, vêem-se desprotegidas de conforto, enquanto trabalham. Ainda os artistas têm a facilidade de, á sua custa, possuírem um aquecedor eléctrico, nos seus camarins. Mas as coristas, essas desgraçadas que tantas vezes se vestem e despem, não têm, nos camarins, nada que as aqueça, no Inverno, nem as refresque, no Verão.

Chegou a altura de começar a pensar-se no conforto das raparigas de teatro, que tanto confortam a gente e a quem as empresas, afinal, devem tudo, tudo, tudo! Sebastião... (Pronto, lá ia eu para a cantiga!).

O Ginásio abrirá, este ano, a sua época teatral com a peça «O Melhor do Mundo». Nunca pensei que o Ben-



No Cinema, como em todas as artes modernas, usa-se e abusa-se dos termos técnicos estrangeiros — talvez para dar ares de erudição aos trabalhadores das mesmas artes. Assim, em vez de palco, achase de bom tom adoptar o «plateaux»; para fugir á portuguesíssima palavra deslizando, diz-se o «travelling»; a fim de não pronunciar «grande-plano», pronuncia-se «gros-plau»; em lugar de cenário montado, usa-se o «décor» e assim sucessivamente.

Ora eu acho muitíssimo bem que se digam barbarida-

des ou estrangeirismos quando, na nossa rica língua, não haja termos apropriados — o que é difícil! — mas que aqueles se adoptem por simples pretenciosismos, acho muito mal.

Acabemos de vez com os termos estrangeiros. Sim! Porque «lá noblesse oblige».

O Artur Duarte — segundo um jornal da tarde—foi mordido por um cão no jardim da «Tobis». Olha se ele fosse mordido pelo «Leão da Estrela». Livra!

Já estão seleccionados os pretos para figurantes do filme de Fernando Garcia. Vai abrir agora a inscrição para peles-vermelhas e amarelos.

A Lisboa-Filmes vai fazer um filme musical, com ambiente português, com a artista lírica Natália Viana em protagonista. Ainda não há argumento, mas o título já está escolhido: «Vida atribulada de uma pequena ingénua que vai na fita de fazer fitas».

A opereta «Invasão» vai ser posta em filme, segundo consta nos meios cinematográficos.

Será a primeira película de capa e espada (a Mantilha não era!) feito no nosso país.

A «capa» não sei quem será. A «espada» deverá ser a Milu.

Vitor Manuel é agora representante em Lisboa do Cinema suíço. Ele é que pensa que nós usamos suíças.

DIAMANTINO

Tem dificuldade em adquirir os numeros atrasados de

### RISO MUNDIAL

Peça-os para a nossa administração, e enviemos a importancia em selos.

fica desse motivo e argumento para uma obra de teatro!

A Bárbara Virgínia vai mostrar-nos o resto de si... Quero eu dizer, que nos vai mostrar uma faceta que lhe não conhecemos: a de «vedeta» de uma companhia de revista.

(Vocês são muito maldosos. Já estavam a sorrir).

Há enorme frenesim, nos meios teatrais, por se não conhecer, ainda, o elenco que o Coliseu dos Recreios — aquela grande casa de espectáculos — vai apresentar na época teatral.

Eu já ouvi dizer que o galã é o grande artista checo Carlonavolf Mikarikanativanoff Hepópópó... (Este é dos que pode tocar a buzina depois das nove).

Já se fala numa peça que seguirá, no Sá da Bandeira, do Porto, ao «Passarinho da Ribeira».

Aquilo é que se chama ter fé na primeira



# Os dentes do Albertinho

**H**Á dois anos, dispunhamos a almoçar e estávamos saboreando a sopa, quando, de repente, soou alguma coisa no prato do Albertinho.

O pequeno empalideceu e ficou mudo. Voltei, então, a cara e, dentro do seu prato, descobri como que um grão de arroz, apesar da sopa não ser desse cereal.

— Meu Deus, o seu denteinho! — gritou, assustada, a mãe.

Efectivamente, assim era: «o seu dente»! O miúdo olhou-o, espantado, abrindo os olhos desmesuradamente... e largou a colher.

A mãe correu para ele, apressadamente, levando a sua própria colher para tirar o dente do prato.

— Alto lá, o dente é meu! — gritei eu; e a minha colher entrou, também, no prato, para procurar o dente, embatendo com a colher de minha mulher.

— O dente é meu — disse ela.

— Não to dou — contestei eu. — Mandarei encastuá-lo em ouro para o usar pendurado na minha corrente.

— Eu mandarei fazer um «berloque» para o meu braçetele.

O caso chegou a converter-se numa verdadeira disputa. As duas colheres lutavam no fundo do prato, para evitar que uma delas lograsse tirar o dente da sopa.

Por fim, ocorreu-me a ideia de fazer uma proposta, contando, de antemão, que o pequeno gostava mais de mim.

— O Albertinho que decida. O dente é dele, e só ele tem direito a dizer qual de nós ficará com ele.

O pequeno ficou perplexo, um instante; mas, como estava próximo do Natal e era eu quem tinha o costume de falar com os Reis Magos durante aqueles dias, foi a mim a quem adjudicou o dente (o sentimento de interesse começa muito antes que o da inteligência e acaba muito depois).

A mãe ficou triste, ou fin-

PELO HUMORISTA  
HUNGARO  
KÁLMAN DE MIKSZATH

giu. Então, Albertinho, deslizando, rapidamente, por debaixo da mesa e caminhando a quatro pés, saltou sobre os joelhos da mãe e começou a acariciá-la, remédio santo contra o seu desgosto, dizendo:

— Não fiques triste, mamã. Tenho outro dente, e já está a mexer.

Pela minha parte, mandei encastuar o dente em ouro, que parece o coração minúsculo do cálix de uma branca flor. Tenho-o pendurado na corrente do meu relógio, e já várias pessoas me perguntaram:

— Que pedra preciosa é esas, tão extravagante?

— Todas as pedras preciosas são extravagantes mas esta é a única verdadeira e de valor.

Pouco tempo decorrido, minha mulher obteve, também, o seu dente e, fazendo o mesmo que eu, mandou-o encastuar em ouro. Depois, veio-nos visitar uma tia do Albertinho, e como o miúdo tinha outra vez um dente a abanar e o impedia de comer, mas onde ele não deixava que ninguém tocasse, a tia prometeu-lhe, então, uma nota de cem florins se lho deixasse arrancar, afirmando-lhe que a encantaria trazer sempre consigo um denteinho como aquele.

Ao ouvi-la, Albertinho consentiu em que lhe extraíssem o dente, e a tia teve de cumprir a sua promessa comprando-lhe, por cem florins, um título de dívida publica.

Mas o miúdo não ficou lá muito satisfeito. Para que servia aquele papel? Nem sequer tinha bonecos pintados, e ainda por cima havia tantos papéis em casa para cortar em passarinhos...

Resolveu, pois que dali em diante tiraria melhor partido dos dentes que lhe restavam.

Mas o homem não muda de dentes senão uma vez... Se ao menos lhe caíssem todas as semanas!...

Não; de futuro, não agiria tão levemente, e teria mais cuidado em não se trair, di-

zendo que tinha um dente a abanar.

Assim, quando lhe caiu o quarto dente, não disse nada e, embrulhando-o com grande precaução num papelinho de seda, muito em segredo e sem que ninguém o visse, saiu de casa e dirigiu-se á loja de brinquedos de Antal Marozil, situada ao fim da rua fronteira.

O velho Marozil, que conhecia muito bem o pequeno porque era um dos mais fiéis clientes da sua loja, sorriu-lhe amigavelmente por detrás das bonecas, das vacas de madeira e dos cavalos de cartão.

— Que desejas, Albertinho? O rapaz avançou irresoluto até ao balcão, vacilante como

(Continua na 15.ª pág.)

## Histórias do mundo dos animais

# O CÃO QUE SE SACRIFICA

por JENO HELTAI

«Minha tia, a marquesa Cristina Aglaia Puybroche tinha um cão chamado «Hepsy». Era um animal muito inteligente, que adorava a sua dona.

Um dia, minha tia foi de Paris a Lyon e quis levar consigo o cão. Mas, por espírito de economia — esquecia-me de dizer que minha tia possui muitos milhões de que eu sou herdeiro; tem milhões e, por consequência, é avarenta — não queria comprar bilhete para o cão. Agarrou, então, numa caixa de chapéus, meteu-o dentro dela, e pô-la no banco a seu lado, para a poder abrir em qualquer ocasião e dar ar e de comer a «Hepsy».

Quando veio o revisor, olhou com tanta atenção a caixa de chapéus, colocada sobre o assento, que minha tia teve de dizer, rapidamente:

— Levo aqui dentro um chapéu muito caro... um chapéu novo, muito bonito; não quero que o combóio o sacuda, por isso o pus aqui.

O revisor contentou-se com aquela explicação e saiu. Quando minha tia ficou só, fechou a porta do compartimento e abriu a caixa.

— «Hepsy» — disse carinhosamente.

Mas «Hepsy» não se moveu. Minha tia olhou mais de perto, e deu um grito de espanto. «Hepsy» estava morto.

Tenho a certeza que não imaginam o que tinha sucedido.

«Hepsy» tinha ouvido dizer a minha tia que na caixa havia um chapéu de senhora. Do fundo da caixa, tirou dois pregos de chapéu e cravou-os no corpo, para fazer crer ao revisor que, na realidade, não era um cão, mas sim um chapéu de senhora. Verdade é, que aquela fidelidade lhe tinha custado a vida, mas «Hepsy» preferiu morrer, antes que um vulgar revisor pudesse apanhar em mentira a sua dona, a marquesa Cristina Aglaia Puybroche.

(Condensado da Antologia dos Humoristas — Contos Alegres Hungaros)



Invento prático para levar os meninos a passear  
De «Le Rire», Paris)

## Nos Bastidores do Cortejo Histórico

Os apontamentos colhidos ao acaso no mar imenso da organização do Cortejo Histórico, e durante o seu trajecto, são dignos da observação dos leitores, e dão áquela grande acontecimento lisboeta uma nota graciosa, que faz sorrir os mais irónicos... e os mais observadores.

— O senhor Leitão de Barros esqueceu-se de mim, não me mandou nenhum bilhete para o cortejo.

— Mas eu não o conheço...  
— Sou aquele homem que forneceu umas peles de coelho branco, muito bonitas, que o senhor precisava para um manto de arminho; e por acaso, deram-me bastante trabalho a arranjar.

— Mas quando foi isso?  
— Foi em Janeiro...

Os que acompanharam o desfile desde o Terreiro do Paço, notaram que, junto dos belos exemplares de gado bovino da gente saloia de Sintra e de Loures, seguia um homem vestido á época actual. A boa lógica supôs que, pelo menos, junto da tribuna, o homem saísse do desfile. Impávido, como se fora um dos «homens bons» de quinhentos, seguiu sempre atrás ou á frente das rezes exemplares, apesar do sorriso da assistência.

Quando o documentário do

Cortejo Histórico for desenvolvido nos «ecrans» dos principais cinemas do Mundo, lá vai aparecer aquela imagem do século XX, sem qualquer justificação no programa.

Nós sabemos que ele:—Era o dono das vacas...

Um telefone anuncia que o cortejo já chegou ao Intendente, e que o carro triunfal das Rainhas acabava de entrar no Rossio. Leitão de Barros largou este comentário, num grande á-vontade: — Por um pouco era uma pescadinha de rabo na boca...

— O senhor Erico Braga disse-me que cada rainha tinha direito a cinco bilhetes.

— Mas a Camara de Lisboa — disse Leitão de Barros — só me autorizou a entregar um cartão a cada figurante.

— Mas a minha filha não é figurante... é rainha — disse, com grande autoridade, uma das rainhas-mães.

Dum grupo de sapadores bombeiros foi escolhido um, para a figura de «xá da Pérsia». Logo os companheiros descarregaram sobre ele comentários de escarneo, que melindraram a sua personalidade.

O tempo — esse grande mestre — veio trazer a resposta, passadas poucas horas; o «xá da Pérsia», sobre um andor de veludo vermelho, percorreu a cidade, sorrindo

imponente, aos ombros dos companheiros...

O ultimo a rir é o que ri mais, diz um rifão francês.

Ouvimos dizer que, se foi grande a praga das rainhas, muito maior foi a praga das mães das rainhas — daquelas santas, como diria Vasco Santana.

Os leitores do «Riso Mundial» desejam saber como se conseguiu realizar o cortejo de Lisboa?

— O grande segredo do cortejo — diz-nos Leitão de Barros — esteve no *alfinete de dama*... foi ele que resolveu os principais problemas. Era possível realizar o cortejo sem um dos personagens reais, sem um dos carros alegóricos, sem um dos grupos de figurantes, mas sem o *alfinete de dama* não era possível pô-lo na rua... Ele foi o meu melhor auxiliar. Adquirimos milhares, durante o trajecto foram apli-

(Continua na 10.ª pág.)

## RISO LOUCO

— sr. e de Lisboa?  
— Não!  
— Vai para Coimbra?

— E' estudante?  
— Não!  
— Gosta destas viagens de rápido?

— Não!  
— Vou comer o meu lanche. E' sevido?  
— Não!

— E' muito parecido com uma amiga minha, a Melchior. O senhor é Melchior?

— Não!  
— Sinto imenso calor neste compartimento. E o senhor?

— Não!  
— Desculpe-me a impertinência, mas não sabe outra coisa sem ser «não»?

— Sim...  
— Então diga!  
— Não!  
— Muito obrigado pelo sim!

Não há nada como um bom conversador, para não se sentir a duração duma viagem.

Nesta ocasião entra o revisor. Dirige-se ao cavalheiro:

— O seu bilhete!  
— Não!  
— Não o comprou?

— Sim!  
— Então não o mostra?  
— Exijo que mo apresente...

— Não!  
(Continua na 15.ª pág.)



— Venho reparar o piano... o senhor disse que uma tecla não tocava!

— Sim senhor! Quero que você as ponha todas nesse estado!

(Do «Cucu»)

## SONETOS DO RISO

### SOGRA MINHA CRUEL...

(Qualquer semelhança com este soneto não julguem que é mera coincidência...)

SOGRA minha cruel, que te partiste  
Tão tarde desta vida descontente  
Aturar-te, afinal, eternamente  
Era 'ma vida atroz, 'ma vida triste!...

Se lá no Baráto onde tu caíste  
Encontrar's algum genro descontente  
Oh! Lembra-te de mim, vibora ardente  
Que sempre com ferinos olhos viste!...

E se vir's que pode entristecer-te  
Algo a satisfação que me ficou  
Por já te não «gramar» e de perder-te

Roga a Deus que teus anos prolongou  
Que tão tarde de cá me leve a ver-te  
Quão tarde de meus olhos te levou...

Alfredo Abreu

## A ÚLTIMA QUE NOS CONTARAM

Um visitante ilustre, anda acompanhado pelo enfermeiro dum manicómio a informar-se, muito interessado, do caso particular de cada um dos internados.

A uma certa altura, dá de cara com dois doidos metidos dentro dum barco de papelão, por eles construído.

— Que mania têm estes? — perguntou o visitante.

— Julgam que são dois corvos iguais aos da Avenida da Liberdade.

E neste momento, um dos «corvos» diz para o outro:

— Olha lá, já sabes a anedota que anda para aí a nosso respeito?

— Não... Mas é melhor não contares, porque temos dois «melros» na vizinhança...

## REPORTAGENS A RIR

# AS DELÍCIAS DO TURISMO

COMO podem verificar na secção «Riso do Porto», o nosso redactor northeno, Edurisa Filho, esteve a passada semana, de visita á Capital.

Depois de dizer mal de tudo, desde o «vinho de pintar portas», aos horríveis e excessivamente caros e mal servidos menus dos restaurantes, passando pelos espectáculos teatrais em vigor, a nossa maneira pacata de nos divertirmos é eu sei lá mais o quê — tudo pior que no Porto, inferior ao Porto, indiscutivelmente abaixo do Porto, resolvi levar o Edurisa até Sintra, para ver se com os arredores atenuava um pouco da sua muito má impressão.

Tomámos o comboio no Rossio, pormenor que ele aproveitou para citar a grandeza da estação de S. Bento e mais os azulejos, que, coitadinho, fazem sempre parte do programa de propaganda dos northenos.

Comecei por dizer-lhe que por cá, não havia atropelos para tomar os combóios, e estes tinham lugares para toda a gente. Depois de muita bofetada e muito pontapé, lá conseguimos dois pés no estribo duma carruagem e assim, confortavelmente instalados, seguimos para Sintra.

Falou-se, como não podia deixar de ser, em velocidades de transportes.

— Cá em Lisboa, todos os combóios são rápidos — disse-lhe — Rápidos de nome, e de velocidade.

O Tramway, lá ia andando, a passo de boi, qual electrico da Estrela a fazer horas para ser rendido nas Amoreiras...

Quando chegámos a Sintra, fiz ver ao Ecuriso, a limpeza o asseio das nossas estações e dos nossos meios de transporte. Tinhamos as mãos cheias de pó de carvão, as camisas e as caras indecentemente enxovalhadas, mas com o cheiro das queijadas disfarçava perfeitamente...

A' porta da estação, disse-lhe:

— Você vai ver meios de condução para turista, de toda a variedade: carros eléctricos modernos, taxis do ultimo modelo e até talvez avionetas a taximetro...

O nosso camarada do Porto, entusiasmara-se com a vis-

ta do Palácio da Pena, que contemplávamos lá ao cimo.

Agora vamos a contas de somar: da estação á vila — 1 quilómetro) mais cinco quilómetros da vila ao Palácio, faz seis quilómetros — tudo a grimpar.

Ora para uma subida daquelas, só metendo terceira, razão porque nos dirigimos a uma pastelaria, onde mandámos vir vinho verde...

Ouvido em seguida o habitual disco do «vinho que não presta e só no Porto é bom», e porque seis quilómetros «á la patte», era muito para dois homens só, entrámos em negociações com um velho «Timpanas» com a penca arroxeadada, não sei se do «roxo», se do tempo...

O boleeiro descreveu-nos um lindo passeio, com todos os «matadouros», entusiasmado o Edurisa, habituado a comer cá a pescada cozida, sem conves, ovos e mais as mil e uma coisas que — diz ele — se servem lá no Porto.

— E quanto custa a volta?  
— 70\$00! Preço da Junta de Turismo!

E mostrou uma linda tabela impressa a cores, sem gralhas tipográficas. Lá estavam os 70 dele...

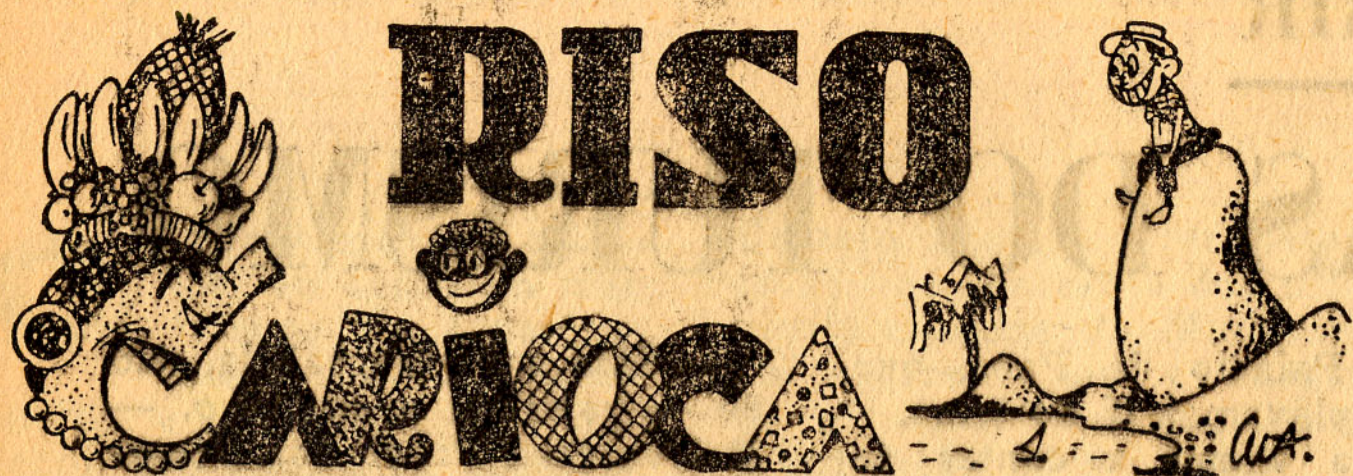
— Isso não é caro, antes pelo contrário, é uma verdadeira pechincha... Mas, sabe, é muito dinheiro! — disse o meu companheiro.

EL-CHIEF



— Não imaginas a inveja que eu tenho dos rios.  
— Essa agora! Porquê?  
— Porque seguem o curso todo sem abandonarem o leito!





# O COLOCADOR DE PRONOMES

por  
**MONTEIRO LOBATO**

**H**AVIA em Itioca um pobre moço que definhava de tédio no fundo de um cartório. Escrevente. Vinte e três anos. Magro. Ar um tanto palerma. Ledor de versos lacrimogênios e pai dum acróstico, dado á luz no «Itaocuense», com bastante sucesso.

Vivia em paz com as suas certidões quando o frechou venenosa seta de Cupido. Objecto amado: a filha mais moça do coronel Triburtino, o qual tinha duas, essa Laurinda, do escrevente, então nos dezassete, e a do Carmo, encalhe de família, vesga, madurota, histérica e manca da perna esquerda.

Triburtino não era homem de brincadeiras. Esguelara um vereador oposicionista em plena sessão da Camara e desde aí se transformou no tutu da terra. Toda a gente lhe tinha um vago medo; mas o amor, que é mais forte que a morte, não receia sobrecechos enfarruscados, nem tufos de cabelos no nariz.

Ousou o escrevente namorar-lhe a filha, apesar da distancia hierárquica que os separava. Namoro á moda velha, já se vê, que nesse tempo não existia a gostosura dos cinemas. Encontros na igreja, á missa, troca de olhares, diálogos de flores — o que havia de inocente e puro. Depois, roupa nova, ponta de lenço de seda a entremostrarse no bolsinho de cima e medição de passos na rua dela, nos dias de folga. Depois, a serenata fatal á esquina, com o

*Acorda, donzela...*

sapecado a medo, num velho pinho de empréstimo. Depois, bilhete perfumado.

Aqui se estrepou...

Escrevera nesse bilhete,

entretanto, apenas quatro palavras, afora pontos exclamativos e reticências:

*Anjo adorado!  
Amo-lhe!...*

?...?

Para abrir o jogo, bastava esse movimento de peão.

Ora, aconteceu que o pai do anjo apanhou o bilhete celestial e, depois de três dias de sobrececho carregado, mandou chamá-lo á sua presença, com disfarce de pretexto — para umas certidõeszinhas, explicou.

Apesar disso, o moço veio um tanto ressabiado, com a pulga atrás da orelha.

Não lhe erravam os sentimentos. Mal o pilhou portas aquém, o coronel trançou o escritório, fechou a carranca e disse:

— A família Triburtino de Mendonça é a mais honrada desta terra, e eu, seu chefe natural, não permitirei nunca — nunca, ouviu? — que contra ela se cometa o menor deslize.

Parou. Abriu uma gaveta. Tirou de dentro o bilhete cor de rosa, desdobrou-o.

— E' sua esta peça de flagrante delicto?

O escrevente, a tremer, balbuciou medrosa confirmação.

— Muito bem!, continuou o coronel em tom mais sereno. Ama, então, minha filha e tem a audácia de o declarar... Pois agora...

— ...é casar!, concluiu, de improviso, o vingativo pai.

O escrevente ressuscitou. Abriu os olhos e a boca, num pasmo. Depois, tornando a si, comoveu-se e, com lágrimas nos olhos, disse, gaguejante:

— Beijo-lhe as mãos, coronel! Nunca imaginei tanta generosidade em peito humano! Agora vejo com que injustiça o julgam aí fora!...

Velhacamente, o velho cortou-lhe o fio das expansões.

— Nada de frases, moço,

(Continua na 11.ª pág.)

## ANEDOTAS BRASILEIRAS

### NAO TINHA RAZÃO

**U**M vizinho zangado, para o outro:

— Sr. Duarte, estou admiradissimo de saber que as suas galinhas saltaram por cima do muro, e estiveram esgravatando no meu jardim!

Duarte (com dignidade) — Meu caro senhor, pois olhe que isso não é nenhum fenómeno. Se o seu jardim tivesse saltado por cima do muro e esgravatado as minhas galinhas, então sim, eu compreenderia o seu espanto.

★

### VINGANÇA

A mãe (no combóio) — Tónico se você não se comportar bem, apanha aqui mesmo.

Tónico — Se a mãe me bater, eu digo ao revisor a minha idade certa.

★

### ASSALTO A MÃO ARMADA

Um homem com 20 contos no bolso, é assaltado, por um ladrão:

O Ladrão — Mãos ao alto, e entregue-me o dinheiro.

O Homem (calmamente) — Muito bem. Mas para o meu

patrão ver que fui assaltado, dê dois tiros no meu chapéu.

— .....  
O Homem — Mais dois aqui...

— .....  
O Homem — Outro aqui...  
O Ladrão — Mas... não tenho mais balas!

O Homem — Muito obrigado. Passe muito bem, e se for homem reaja agora...

★

### PRECIPITAÇÃO

Um médico sai correndo ao seu consultório e grita á filha, enquanto enfia o casaco e põe o chapéu:

— Um homem acaba de me telefonar, dizendo que não pode viver sem mim.

A filha segurando-o pelo casaco:

— Papá, pode ficar em casa; tenho a certeza de que o telefonema não era para si...

★

### BOA RESPOSTA

Passavam duas amigas, quando uma dando com os olhos, num rapaz que lhe dirigia galanteios, disse para a outra:

— Ah! Eu já vi este sujeito no manicómio.

— E' verdade, minha senhora, mas... fui lá para visitá-la.

## NOS BASTIDORES DO CORTEJO HISTÓRICO

(Continuação das páginas centrais)

cados centenas, distribuimos dezenas a cada figurante. O alfinete de dama foi o grande segredo do Cortejo Histórico de Lisboa.

★

Nos poucos minutos que parou para nos deixar as suas impressões — Leitão de Barros — é descoberto pela multidão, que o ovaciona. Quando percebe, salta para a moto e desaparece, dentro daquele fato de ganga azul, que não despiu durante três dias.

★

— Eu desejava pedir ao senhor doutor, para a minha filha levar no cortejo um fato azul até aos pés, muito bonito, com preguinhas, que mandámos fazer este Inverno para um baile. Acredite que é bem bonito.

— Qual é a sua filha?

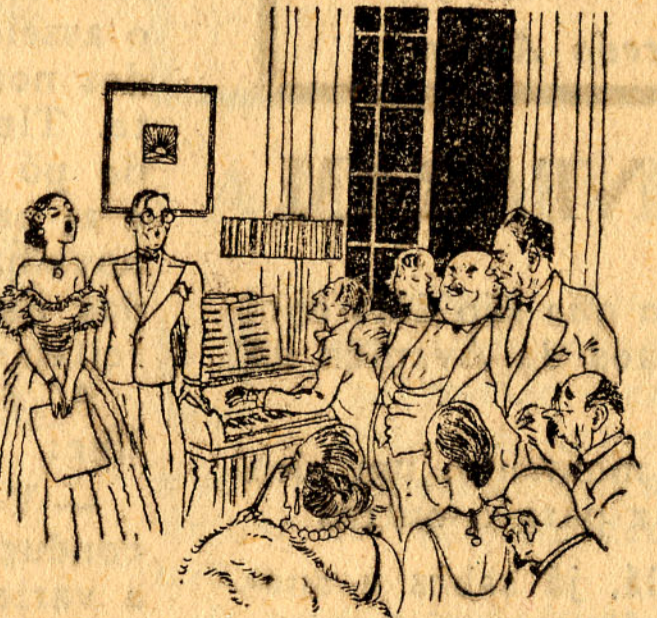
— E' uma das Lisboas...

— Mas isso deve ser um fa-

to do século XIX, e o cortejo é quinhentista.

— Eu não percebo dessas coisas; o que sei é que é um fato antigo, bem bonito.

Artur Santa Bárbara



— A vida do rapaz, não vai ser fácil...

— Porquê?

— Porque são apenas noivos e ela já grita mais do que ele...

(De «A Novela».)



# OPINIÕES DO SENHOR SARAMAGO

## NÃO DAVA UMA PARA A CAIXA

Quando andava na escola era um burro.

Aquela coisa não me entrava cá nos «caixilhos», e vi-me obrigado a desistir para não estafar por completo as «coroas» do velhote.

Empreguei-me como aprendiz de desenhador e conclui que de facto era uma negação: os traços curvos, saíam direitos e os direitos mais tortos ainda que os meus miolos.

Tinha de procurar outro modo de vida.

Respondi a anuncios pedindo, porteiros, angariadores de publicidade, engraxadores e até amas para levar os meninos ao passeio...

Mas nada! Era escusado; não servia para nada.

E quando caminhava meditando na minha triste vida, conclui que não era assim tão parvo como julgava. Lá por nunca ter aprendido nada, não queria dizer que seria assim toda a vida.

Naquele momento reparei que era muito esperto.

Aprendi em menos de um minuto, depois de ter largado 2\$50, que não se andava pela esquerda.

E venha para cá dizer-me agora que eu sou estúpido!!?

## VINGANÇA

O senhor paga mil escudos de renda de casa e quer vingar-se do senhorio?

Faça o seguinte:

Marque-lhe um sítio onde se devem encontrar, mas claro está, numa rua da Baixa.

Antes do encontro faça-se conhecido dos polícias de serviço e ponha-se de parte a ver quando ele chega. Como está parado, infringe a lei e paga 2\$50.

Ele começa então a mo-

vimentar-se dum lado para o outro e a certa altura faça com que o veja.

Por instinto de conservação de solas, pára novamente e claro está, paga também novamente.

Depois dos cumprimentos habituais leve-o devagar e entretenha-o com qualquer conversa, por exemplo em baixar-lhe a renda.

Como fica furioso perde a cabeça e atravessa para o outro lado da rua; o que quer dizer mais 2\$50 a que ele se opõe a pagar por já ter duas senhas...

E' levado pelo polícia, é preso e depois 25\$00 que é para ficar sabendo que não é só a ele que custa largar o dinheirinho.

Que tal.

Não acham uma vingança engraçada?

## O colocador de pronomes

(Continuação da 10.<sup>a</sup> pág.)

vamos ao que serve: declaro-o, solenemente, noivo de minha filha!

E, voltando-se para dentro, gritou:

— Do Carmo! Venha abraçar o teu noivo!

O escrevente piscou seis vezes e, enchendo-se de coragem, corrigiu o erro.

— Laurinda, quer o coronel dizer...

O velho fechou de novo a carranca.

— Sei onde trago o nariz, moço. Vassuncê mandou este bilhete á Laurinda, dizendo que ama-«lhe». Se amasse a ela deveria dizer amo-«te». Dizendo «amo-lhe» declara que ama a uma terceira pessoa, a qual não pode ser senão a Maria do Carmo. Salvo se declara amor á minha mulher!...

— Oh, coronel...

— ... ou á preta Luzia, cozinheira. Escolha!

O escrevente, vencido, derubou a cabeça com uma lágrima a escorrer rumo á asa do nariz. Silenciaram ambos, em pausa de tragédia. Por fim, o coronel, batendo-lhe no ombro paternalmente, repetiu a boa lição da sua gramática matrimonial:

— Os pronomes, como sabe, são três: da primeira pessoa

— quem fala, e neste caso vassuncê; da segunda pessoa — a quem se fala, e neste caso a Laurinda; da terceira pessoa — de quem se fala, e neste caso, Maria do Carmo, minha mulher ou a preta. Escolha!

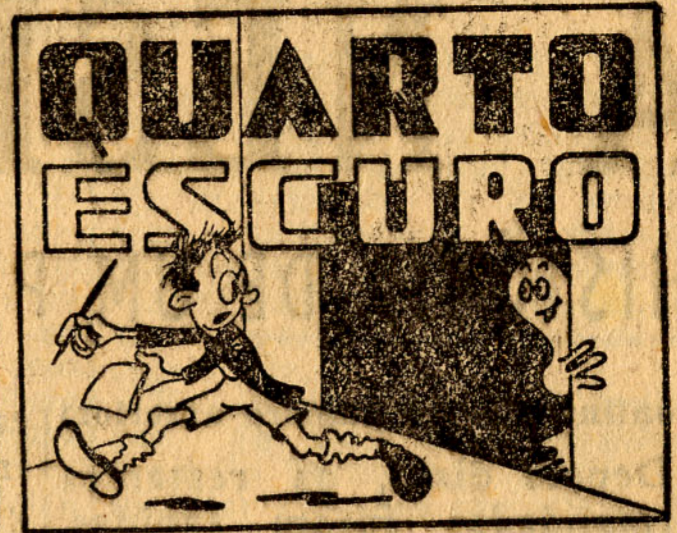
Não havia fuga possível.

O escrevente ergueu os olhos e viu do Carmo, que entrava, muito lampeira da vida, torcendo, acanhada, a ponta do avental. Viu, também, sobre a secretária, uma garrucha com espoleta nóva ao alcance do maquiavélico pai. Submeteu-se e abraçou a urucaca, enquanto o velho, estendendo as mãos, dizia teatralmente:

— Deus vcs abençõe, meus filhos!

Condensado da «Aptologia dos Grandes Contos Humorísticos»

**A** partir da próxima semana o nosso jornal passa a publicar-se ás terças-feiras! **Comprem, portanto o n.º 6 do RISO MUNDIAL, na Terça-feira!**



**N**ÓS sabemos perfeitamente que é preciso uma boa disposição especial, para ser condutor ou guarda-freio da Carris, mas que se o ordenado é pequeno a educação não se paga com escudos.

Ora aqui no «Quarto Escuro», há lugar para todos os «meninos» maus, inclusivé os malcriados, e hoje damos ingresso nele, ao condutor n.º 560, de quem, mão amiga, nos enviou uma queixa.

Há dias, na carreira de Al-gés, o «menino» 560, começou logo de início a dar manifestos sintomas de grosseria e má disposição, largando di-chotes inconvenientes aos passageiros que não subiam ou desciam do carro com a pressa que ele desejava, talvez para acertar o horário ou ir render, (que são os dois únicos casos em que o pessoal da Carris tem pressa).

Em frente do Frigorifico de Santos, saíram umas varinas, — as verdadeiras professoras das mais variadas obscenidades dum dicionário de calão. Enquanto estas tiravam lá do fundo do carro — um carro aberto, por sinal, — as suas canastras, o guarda-freio, (também cheinho de pressa), ligou a corrente pondo o carro andar.

Uma delas, a mais difícil de acalmar, parou junto á parte da frente do carro eléctrico e de mãos na ilharga, exclamou:

— Está com muita pressa, não?

Pois quando toda a gente já se preparava para tapar os ouvidos, com medo das frases que se iriam seguir, o «menino» 560, que não é varina, mas sabe arriar a giga, mandou a passageira, — passageira para os devidos efeitos, ouviu «menino» malcriado? — a um certo sítio onde se mandam as pessoas pelo Carnaval!

O carro ia cheio de senhoras, que pasmaram com o sucedido e coraram com a «boa» educação do funcionário.

E aqui fica a história do condutor que conseguiu ser mais malcriado que uma mulher com canastra!

**O resto não é conosco.**

Um grande exclusivo do «Riso»

# A NESPEROLÂNDIA

(HISTÓRIA DE UM PAÍS IMAGINÁRIO)

(Continuação do numero anterior)

Depois disto, as restantes formalidades foram rápidas. No dia seguinte, a Riachata fazia saber oficialmente à Tranquibérbia, por carta registada com aviso de recepção, o seu ardente desejo de «vamos a isto senão arrefece...», e a resposta desta não se fez esperar, pela mesma via, na capital Riachatense, agradecendo nas fórmulas habituais do Protocolo o amável convite, terminando por afirmar que «nós cá, estamos por aqui!»

No dia D e á hora H, depois duma comovente despedida por parte da população, o Exército riachatense dava cebo nas botas e punha-se a caminho da fronteira sob o comando do prestigioso marechal de Campo e Praia Farófiás.

Convém esclarecer ainda que o Exército era todo motorizado, mas viu-se obrigado a fazer a campanha «a butes» pelo seguinte insuperável motivo:

Na véspera da mobilização o Governo riachatense, numa previsão atilada das dificuldades futuras quanto ao consumo de gasolina, publicava um decreto proibindo daí em diante a circulação de todos os veículos a motor de explosão e alimentados a gasolina, esquecendo-se lamentavelmente de exceptuar do referido diploma as viaturas militares. Perante o rigor da lei, nada havia a contestar, conquanto o Estado Maior envidasse os melhores esforços junto do Ministro da Guerra no sentido de obter uma interpretação mais razoável do referido instrumento legislativo, afirmando que o «espírito da lei» era bem visível de poupar o combustível para as necessidades da campanha. Sua Excelência lamentou imenso nada poder fazer em favor da situação, sendo o primeiro, afirmou, em deplorar o terrível esquecimento, mas ficaram descansados, que na futura guerra tal não se repetiria, para o que ia já tomar devida nota na sua agenda particular.

No decorrer destes acontecimentos, deu-se, porém, um

caso curioso, que muito contribuiu para o notável desenvolvimento económico do país de que estou contando a história.

Ficara combinado entre os dois Governos litigantes que a Riachata iria atacar o território adversário, atravessando para isso a Nesperolândia, e o exército tranquibernense receberia os seus inimigos com as manifestações de uso em tais casos. Sucedeu, porém, que, estando prevista a chegada dos riachatenses á fronteira da Tranquibérbia num determinado dia e a uma dada hora, passaram-se 24 horas e... nada de Riachata. Os tranquibernenses, de quem são bem conhecidas as virtudes patrióticas e qualidades de arrojo e iniciativa, vibravam de impaciência, e, desejosos de «molhar a sopa», resolveram não esperar mais e romperam a marcha pelo país intermédio em direcção ao inimigo. Chegados á fronteira, o comandante das tropas, general Tremelikes, perguntou pelo exército adversário. Foi-lhe respondido com a melhor cortesia pelo porteiro de serviço:

— «O Exército não está; saíu... e parece que ia á procura dos senhores, mas se V. Ex.as desejam entrar e esperar um bocáinho, fazem favor. Não incomodam nada. Provavelmente ele não demora, desde que tenha visto que se desencontraram.

Aqui, o general reuniu o conselho dos seus oficiais e foi resolvido fazer meia volta e ir de novo ao encontro das tropas inimigas, calculando que estas não deixariam de aceitar idêntico convite para esperarem na outra fronteira, e nisto o sapientíssimo conclave não fez mais do que obedecer ao velho princípio de tomar sempre a resolução contrária á que logicamente se deveria tomar, contando antecipadamente, como é de uso nestes casos, com a estupidez do adversário.

Do outro lado sucedeu precisamente a mesma coisa, e tornou a suceder durante (n+1) vezes sucessivas, de forma que os dois exércitos andaram passeando para cá e

por

TRISTÃO JORGE

para lá, no território da Nesperolândia, o que deu imediatamente lugar á criação de novas indústrias e importante incremento do comércio local. Desenvolveu-se, sobretudo, a indústria do «capilé, copo com água», de que os soldados dos dois partidos faziam grande consumo, para molhar as guélas nos períodos de descanso.

Vinho não havia, pois, como é sabido, todo o território deste país era plantado de nespereiras, mas um audacioso industrial lembrou-se de torner aos militares forasteiros o ótimo sumo de nespereira, produto que continha mais vitaminas do que um combóio de mercadorias.

Para tudo isto nasceram ao longo dos dois percursos, como colmeias, vistosos quiosques nos mais variados estilos de Feira Popular.

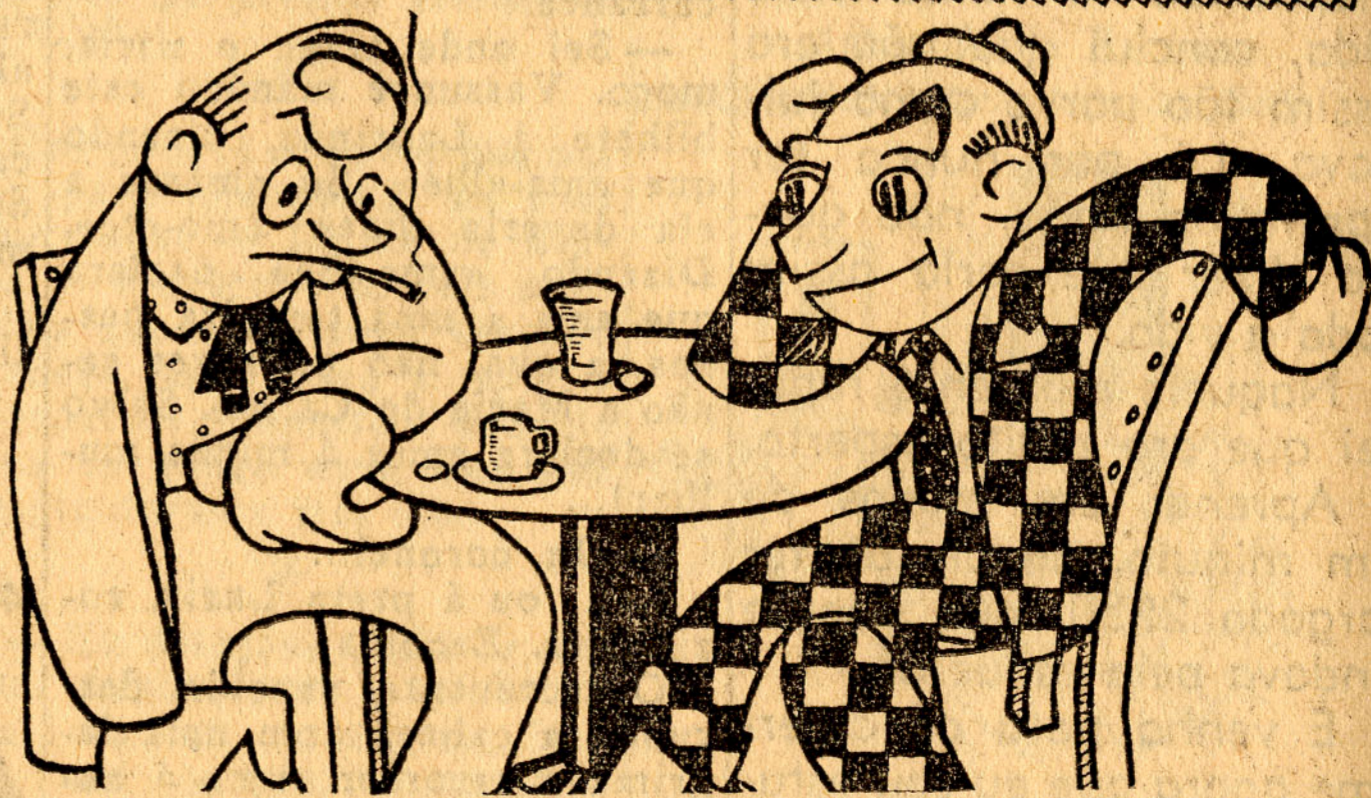
Também se não contavam os milhares de coretos e palanques de todos os feitios, para assistir á passagem das tropas, com entradas a preços tão acessíveis como os dos cinemas e teatros da nossa Lisboa muito amada. Com respeito a aluguel de janelas, varandas e terraços, não vos conto nada senão por música... Pagaram-se por preços de tal forma fabulosos, que, ao lado destes, as entradas para o célebre Portugal-Espa-

nya eram vulgaríssimos bilhetes pr'ó piolho.

Mas, enfim, como tudo tem de acabar, por falta de qualquer coisa neste mundo imperfeitamente construído, a guerra riachato-tranquibernense acabou ao fim de 9 anos... por falta de botas. Esgotaram-se todos os recursos da Indústria dos dois países em luta, e mesmo da Nesperolândia que, desinteressadamente, ofereceu todos os coiros disponíveis. Chegou, porém, o momento em que já parecia mal olhar para as botas dos soldados, duma ridícula semelhança com os mais avançados modelos de calçado feminino.

Isto comprometia o prestígio dos dois exércitos e resolveu-se dar por finda a campanha. Organizou-se a inevitável Conferência da Paz, pretexto para um suculentíssimo almoço onde foi servida uma destas cabeças de pescada «com colarinho», que, no dizer dos cronistas, estava de se lhe tirar o chapéu.

Reconhecido por todos não haver ambições territoriais de parte a parte, ficou assente que a Nesperolândia cederia um terço do seu território á Tranquibérbia e outro terço á Riachata, ficando para si com o terço restante, e não levasse a mal o «não poder levar mais», mas a culpa era da Aritmética, que não tinha mais terços disponíveis. A Nesperolândia ficou encantada com o «negócio», tanto mais que via assim descer para um terço as despesas públicas com a manutenção do quintal. Desfez-se, pois, em agradecimentos aos dois grandes representantes das nações vizinhas, não se cansando de afirmar que, quando fôsse preciso, «lá estava» para «levar mais qualquer coisa» e ser «levada» mais uma vez a tomar idêntica atitude perante os seus «amigos».



— Onde conseguiste arranjar essa fazenda?

— Olha! Adormeci em cima do tapete de cortiça da casa de banho e a fazenda... desbotou.



# O MEU DESTINO NÃO É O MAR

**F**INALMENTE, o defeso! — diziamos nós no último número, e repetimo-lo hoje ainda com maior aprazimento.

Finalmente, a praia! — com os belos desafios de futebol, jogados na reia, en're «banhistas» e «indígenas»... e as noites calmas, no Casino a devorar nas revistas desportivas as novidades sensacionais sobre transferências de jogadores.

A praia! A praia! — E eu não faço uma autêntica vida de praia: — tomo ricas e prolongadas banhocas, enxugo-me ao sol, «flirto» (ó querida, não acredites! Não vês que isto é humorismo...), ando de «chata», de «gaivota», de «charuto» (não, mãesinha, palavra de honra que não fumo!... o «charuto» é um barco).

Al, estas pequeninas tragédias familiares!

Mas, perguntará o leitor:  
— Então e a vela, não anda?  
— Não, não anda! Nem gosto que me falem nisso!

quei satisfeitiíssimo. A partida foi dada junto á Torre de Belém e eu, sabedor do facto, muni-me previamente de umas barbas até á barriga, alugadas num adelo. Estava assim completamente ambientizado. Sentia-me descobridor. Se estava na praia algum velho do Restelo, eu nem dei por ele.

O estrondo enorme dum tiro de canhão veio tirar-me desta lucubração (desta quê?). O chapéu voou-me para água e as pernas chocalhavam uma contra a outra... Pensei que fossem os piratas de Ormuz ou Bombaça — que graça! (E já que rimei, siga a dança).

Afinal, era simplesmente o sinal de partida e «as naus decididas, de velas erguidas, vão para o mar». Vêem-se «lenços brancos a acenar, num adeus de despedida...» — e eu satisfeitiíssimo da vida.

Que linda é a viagem no nosso Tejo! Lá vi o Bugio que parece

pagámos as favas. Os frágeis barquitos ora surgiam encarrapitados no cimo das ondas, ora desapareciam de todo, no «risco ao meio» entre elas. (Bonita descrição trágico-marítima-barbeiral).

Explicou-me depois um marinheiro que aquilo para o Norte é sempre assim tempestuoso e difícil, mesmo no Verão. Já para baixo, para o Algarve, é sempre mais agradável a viagem. Donde fui levado a concluir que também no mar encontra confirmação o conhecido provérbio pedestre: «Para baixo, todo o Santo ajuda; para cima, toda a coisa muda».

...Como eu ia dizendo, estava a jantar, quando as ondas se começaram cavando cada vez mais... e eu comecei também a sentir vontade cada vez maior de «cavar» dali para fora.

Às primeiras colheradas ainda a coisa foi bem. Mas depois, por virtude do balanço cada vez mais acentuado, tornou-se-me difícil encontrar a boca com a colher. De uma vez, entiei-a num olho e, de outra, despejei a sopa pelo colarinho.

Depois, com a carne, novos sarilhos. Os pratos deslizavam pelas mesas e muitas vezes espetei o garfo no tampo, porque o meu me fugia no ultimo momento. Mas como em contra-partida, o do meu

vizinho escorregava com frequência para o meu lugar, sempre fui comendo alguma coisa do prato dele.

O comer, porém, não me sabia de proveito. Quando o barco estava no cimo de uma onda, eu tinha o comer no estomago; mas quando ele afocinhava no tal «risco ao meio», voltava-me a mastigação outra vez toda cá para cima.

Subi então para o convés, a ver se me passava este «vai-vem» de ruminante.

Mas no convés não se podia andar. Se uma onda levantava a proa do barco, nós podíamos até intentar vigoroso «sprint» que não conseguíamos sair do mesmo lugar, dando assim ideia certamente de um ciclista a treinar-se sobre rolos; se, pelo contrário, o barco enfiava de cabeça para baixo, então iam por ali fora de escantilhão e, por mais que isso nos contrariasse, só parávamos na proa, agarrados, se o conseguíssemos, a qualquer varão providencial.

Foi o que me sucedeu. A mim, ainda me consegui agarrar, mas ao jantar é que não. Saiu todo por ali fora — caso curioso, por ordem rigorosamente inversa áquela porque tinha entrado. Primei-

(Continua na 15.<sup>a</sup> pág.)

## Risadinhas Desportivas

**V**ARIOS treinadores ingleses e escoceses tem-se oferecido para vir trabalhar para Portugal.

Aquilo foi o Barrick que foi para lá dizer que cá se come bem...

O Portugal-Espanha em atletismo também já não se realiza.

E, depois disto... viva o intercambio desportivo peninsular!

Não liguei grande importância á realização em Lisboa do Congresso de Ginástica de Ling, talvez por estar habituado ao diário congresso de ginástica de ling...ua, do mulherio lá do pátio onde eu moro.

O Feliciano é bom rapaz mas tem aquela mania de inventar viagens no defeso. O ano passado ia para o Brasil. Agora é para Espanha. E vai ficando, pois é...

Ao Brasil também o Benfica quis ir. Mas levava tantos reforços que até já chamavam á equipa o Sport Lisboa e Reálhos.

O Elvas e o Elvense, filiais do Benfica e do Sporting, vão fundir-se num só — e, segundo consta, passam a ser filiais dos Belenenses.

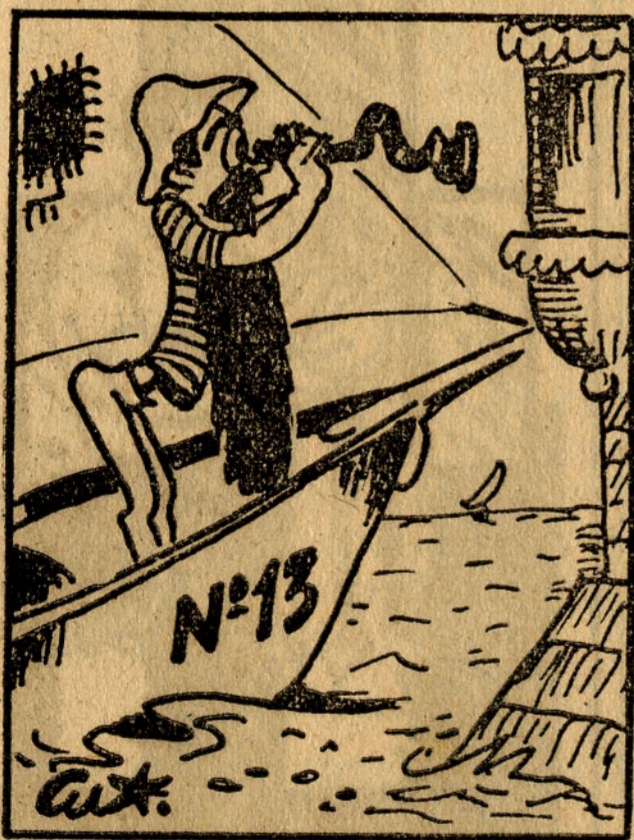
Vencemos o 4.<sup>o</sup> encontro peninsular de remo, de maneira nítida. E' caso para dizer que se os nossos eram «Galitos», os espanhóis não passavam duns «pintos».

Uma das tripulações espanholas desistiu a meio da prova.

Sucedem-se as provas de tiro aos pombos, em diversos pombos... perdão! — diversos pontos do país.

Não é desporto que nos desporte... perdão! — que nos desperte muito interesse. No entanto, sempre gostávamos de saber o que é que eles fazem depois aos pombos?

Outra pergunta indiscreta: — depois do tiro aos pombos e da luta livre, por que raio não se há-de permitir os tiros de morte?



A partida foi dada...

— Mas porquê? Um desporto tão salutar!...

«Salutar» é a sua prima. Mas se quer, eu explico-lhe o motivo da minha «velofobia». O meu amigo ouviu falar com certeza — ainda foi há tão pouco tempo — de de uma regata ás Berlengas, em que desistiram todos os concorrentes, por causa da violência lo temporal. Uns com as velas rasgadas; outros com mastros partidos, água a bordo ou tripulação desmoralizada, pelo enjôo.

Pois bem! Eu tomei parte nessa regata... e agora começa já o leitor a perceber a minha aversão por toda a sorte de velejarias.

De começo, a coisa foi bem. Aceitei, verdadeiramente alvoraçado, o convite de um amigo meu, para tomar parte na regata, no seu «iate» de recreio. Não é impunemente que se é descendente de Vasco da Gama... Assim, embar-



...O pior foi depois!

mesmo um pudim em banho-maria». E Paço de Arcos, onde sobressai a estátua do Jesus Correia! E o Estoril-Praia!

Mas «saindo a barra, uma fanfarra pôe-se a tocar...» que é pra chamar a «malta» toda par'ó jantar.

E lá fomos todos, cantando e rindo. Tinha um apetite diabólico (estes ares do mar!) Sentei-me á mesa e, apetitosos, os comestíveis chegavam.

...Entretanto, o barco passava Cascais e fazia rumo ao Norte, para cima, para as Berlengas, que ficam ao lado de Peniche.

Longinho, lá isso é. Um pouco mais que Cacilhas e Barreiro, sei-o agora. Mas vamos por tempos...

Nessa altura, o senhor Vento começou a encher as bochechas e a assoprar com furia sobre nós. As ondas revoltaram-se... e nós é que



O VENDEDOR AMBULANTE — Tintura de iodo! Cá estão as ligaduras! Olha os pensos baratos!

(Do «Ici Paris»)



## LIÇÃO DE AMOR

### A uma bailarina

**O**UÇA, minha senhora: eu tenho o coração como um «jazz-band» e uma carteira vistosa como uma peça de fogo de artifício: há «luzes» de todas as cores, desde a policromia das notas de «quilo», até aos esverdeado-rosa das notas de «vinte paus». Convido-a a bailar a vida com todos os compassos, em todos os sons e ritmos, desde o arrastamento dos tangos ao rodopiar das valsas de Viena, passando pela destravidade dos «boogies» e até ao sapateado nervoso dos batuques.

Bailaremos, até que se nos acabe a «corda»...

### A uma mulher casada

Por você sou capaz de tudo. Não me importa a ira do seu esposo nem os murmúrios da multidão nem a severidade da lei, nem o castigo do seu. Por você sou capaz... Só lhe peço que guarde segredo do meu amor. Não é por mim que o peço... Eu até era capaz de proclamar o meu amor



— Porque estás tão alegre?  
— Venho de casa do dentista!

— E achas que é razão para estares contente?

— Sim... Não o encontrei!  
(Do «Caras y Caretas»)

através dum microfone de Rádio! Ah, se eu a tivesse conhecido solteira! Mas não importa, tive a sorte de conhecê-la casada. Ainda temos muitos dias de felicidade à nossa frente...

### A uma cozinheira

Ramona:

Você transtornou-me com o delicado aroma dos seus guisados. Eu não sabia o que

## ANEDOTAS ARGENTINAS

### PREFERÊNCIA

Henrique de Semeberre, duque de La Ferbi, que foi ministro de França, tinha a seu cargo a tarefa de comunicar a certos reus condenados à força a pena que lhes havia sido imposta. E, geralmente, transmitia a notícia às vítimas com estas palavras:

— Um de nós será enforcado: tu ou eu.

Porém, um dia foi condenado um espiã, e este, antes de ir para a forca, pediu-lhe para ser levado à presença do ministro e, diante dele, disse-lhe:

— Senhor ministro: recordo-me de haver dito que um de nós dois iria à forca. Se mantém a sua palavra, venho perguntar-lhe se deseja ir você, pois, sendo ministro de França, estou disposto a dar-lhe a preferência.

O duque de La Ferbi, ficou tão agradavelmente impressionado, que lhe perdoou.

### PORQUE CHORA?

— Quanto tempo tem o seu filho?

— Três meses.

— E porque chora tanto?

— Não sei. Como não gozo da sua confiança, não quis dizer-me.

### ENTRE AMIGOS

— Eu conheci um esgrimista que, quando tomava banho

era comer até ao dia em que você me entrou pela pituitária. Que «coquettes» os seus, Ramona! Ramona: você entrou com o pé direito nesta casa, e só sairá dela com os «pés para a frente». Você é a cozinheira que merece subir ao posto, até a chefe. Se quiser, casamo-nos... Quero lá saber da má-língua, se me fizer língua estufada!

### A uma romantica

Alva como o lírio, cujo perfume encantador aspiro, assim tu és, minha querida Julieta. Encontraste raízes na... horta do meu coração, entre a terra das minhas ilusões, regada a todo o momento pelas minhas lágrimas. Até já lá cresceu um repolho, em busca da luz dos seus olhos, para lhe oferecer, Julieta, o nectar da felicidade...

Ai Julieta! (suspira).

(Traduzido e adaptado das «Caras y Caretas»)

de mar, levava sempre o sabre à cintura.

— Suponho que não pensava em bater-se dentro de água.

— Talvez. Imagina que ele encontrava um peixe-espada?

### POUCA SORTE...

— Quando chego à estação à noite, perco sempre o comboio, e, enquanto espero outro, meto-me na taberna.

— E claro que apanhas o primeiro que passa!

— Não. Depois perco todos os outros comboios.

### HOMEM DE CONSCIÊNCIA

— Como não tinha génio, nem gosto, nem imaginação, nem cultura, nem nenhuma das condições necessárias, não quis dedicar-me à crítica.

— Muito bem, sim, senhor! E então o que faz?

— Tornei-me autor.

### NÃO PÔDE

— Disseram-me que tinhas ido ver a minha obra com o propósito de assobiá-la. Porque não te atreveste a fazê-lo?

— Não pude. Adormeci.

★

— Meu esposo vive á custa da pena.

— E' escritor?

— Não, faz criação de aves.

(Do «Caras y Caretas»)

## MISCELANIA

Os automobilistas não gostam de fazer grandes desvios e aos peões não lhes agrada parar a uma esquina, para atravessar para outro lado, de modo que para pouparem uns minutinhos, há muitas pessoas que são feitas em fatias para sanduíches.

★

Assegura John D. Rockefeller, filho, que o amor é a coisa mais grandiosa do mundo; mas para seu bem, as palavras carinhosas não conseguem fazer andar nenhum automóvel...

★

A primeira telefonista que teve Nova York, começou a trabalhar em 1878 e ainda não deixou o seu posto. Provavelmente, alguém apressado pediu-lhe um número e a «rapariga» não quer deixar o posto sem obter a ligação...

★

Há muitos oradores que não gostam de falar pela Rádio porque não têm a satisfação de escutar os aplausos do auditório...

(Do «Caras y Caretas»)



ELE (a quem a mulher comprou uma camisa nova) — Que maçada! 39 e meio! E' o que »ganhei» em casar com uma telefonista: O numero errado!

(Do «Caras y Caretas»)

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**NOTAS & ECOS DA RIBALTA**

(Continuação da 4.<sup>a</sup> pág.)

do naufrago que... «perdeu os domingos», não é preciso dizer mais nada, pois toda a gente dos 8 aos 80 anos se conhece!... A seguir, Teresa Gomes repete aquela estafada sílaba da sopeira que anda a aprender francês e até ia jurar que o «couplet» é o mesmo que ela cantava «in illo tempore...». Se atendermos que estes são os numeros de êxito da revista, fácil é aos leitores fazerem uma ideia do que é aquela «Salada»...



No Variedades, o caso está um pouquinho melhor, pois a «Se Aquilo que a Gente Sente...» supre, com montagem o que falta em piada. Oh, eterno Piero!... A' frente da companhia encontra-se, presentemente, não só pela quantidade como pela qualidade do trabalho que lhe confiaram, a actriz que nos cartazes e anuncios se encontra mais atrás e mais apagada: Maria Clara! Pergunto eu: Porquê?!... E, já que pergunto porquê, continuo a perguntar porque é que a revista se chama «Se Aquilo que a Gente Sente...»? Porque é que a cantadeira Amália Rodrigues, que só canta um fado e já batido, tem nos cartazes um nome do tamanho da Légua da Póvoa?... Será que hoje os nomes correm parelhas com os ordenados, em vez de os correrem com o real valor de cada um?... E porque será, também, que os actores Costinha e António Silva, de confirmados dotes artísticos, precisam de se vestirem de mulheres e de mostrarem as pernas, para divertirem o pagode?... Porquê?...

EDURISA, FILHO

**NÃO TINHAM SEDE**

A patroa — Maria, já pôs água no aquário?

Maria — Não, minha senhora. Ele continua cheio. Os peixinhos não beberam nem uma gotinha da água que lhe pus ontem.

**NÃO FAZ MAL**

Patroa — Maria, faça cafézinho...

Criada — Minha senhora, não temos água.

Patroa — Não faz mal. Faça chá, então.

**Os dentes do Albertinho O meu destino não é o mar**

(Continuação da 7.<sup>a</sup> pág.)

um cego, pois o seu olhar extraviava-se entre tanta coisa que ali havia para ver; os carrinhos, os burrinhos que mexiam a cabeça, as caixas de soldados, os castelos... Ah! quem seria capaz de enumerar todas estas coisas!...

Chegado ao balcão, tirou do bolso o embrulhinho, colocou-o em frente do dono da loja, e disse:

— Quero que me dê brinquedos em troca disto.

O velho Marozil desembrolhou, com grande cuidado, o pacote e viu, muito surpreendido, que dentro havia apenas um dente de criança.

Pareceu a Albertinho que o velho vacilava e julgando o caso um negócio certo, balbuciou:

— Por tudo isso...

E como o bco do Marozil era um pouco surdo, o pequeno voltou a gritar:

— Percebe? Por tudo isto...

Marozil admirou-se da ingenuidade do pequeno e replicou-lhe, sorrindo:

— Meu querido Albertinho; o tio Marozil não pode dar-te nada por este dente.

Quem nesse momento se admirou, foi Albertinho, do disparate de Marozil... «Não dava nada pelo seu dente!». Facto incompreensível! Muito envergonhado, correu para casa e começou a gritar logo á porta:

— Imagina, papá: o burro do Marozil não quis dar-me brinquedos pelo meu dente! E até se riu de mim!

(Condensado da Antologia dos Humoristas — Contos Alegres Hungaros)

**O meu destino não é o mar**

(Continua na 4.<sup>a</sup> pág.)

ro, a banana, já muito enjoada; depois, o bife, cheio de soluços; e, por fim, a sopa, com boa aparência.

E enquanto tive cá dentro comer para vomitar, bem andou a coisa. Pior foi depois, quando o depósito ficou esgotado. Uns vômitos secos chegaram a convencer-me que ia para ali ficar, virado do avesso, á confiança.

Felizmente, que, pouco depois, o meu barco desistia, todo torcido e escaqueirado. Depois, para baixo, a viagem correu bem melhor. Pois é, era a descer...

Mas, quando cheguei, não deixei de respirar fundo. Desembarcado, ainda andei bem uns dois ou três dias aos «esses» e «esses» pela rua fora, á ver tudo á andar á roda e a sentir-me ora muito alto, ora rente ao chão.



E aqui está porque eu, em gozo de férias de praia, «flirtos» como mandam as boas regras balnearias (ó querida, deixa-se de ciúmeiras tolas...); ando de «chata», «gaivota» e de «charuto» (mãezinha, já lhe expliquei...) — mas lá de vela é que não!

CARLITOS

**A PÉRFIDA GABRIELA**

(Continuação da 3.<sup>a</sup> pág.)

peito opresso sai um rugido de furor... brrr...

**CENA II**

O mesmo e a pérfida Gabriela

Pérfida Gabriela (á parte) — Venho mostrar a meu marido o meu vestido de tule e de gaze. (Alto) Já viste o meu novo vestido de baile!... Este tule... esta gaze. (Mirando-se ao espelho) Fica-me bem, não fica?

Pretende ser assinante de

**RISO MUNDIAL**

Mande-nos nome e morada para a nossa administração.

**RISO LOUCO**

(Continuação da 8.<sup>a</sup> pág.)

— Estou á espera!

— Sim!

(Quando vieram os enfermeiros com o colete de forças, levaram o revisor e o passageiro Isto foi em Coimbra. A senhora conversadora ainda endoldeceu mais quatro companheiros de viagem, até ao Porto!)

**HABILITE-SE**

**A 1.000\$00**

Ex-confiante Artur (sombrio) — Hum!

Pérfida Gabriela — Que tens tu?

Ex-confiante Artur (voltando-se para ela) — Como se chama o teu amante?

Pérfida Gabriela — Ah!... Socorro!... Socorro!... Morro de morte horrível, envolta nas chamas do meu vestido incendiado! (Morre como diz).

Ex-confiante Artur (ranguendo os dentes) — Estupido!... Não me lembrei que a tule e a gaze se incendiam rapidamente e peguei-lhe fogo com a minha pergunta á queima-roupa!... Estupido!... (torcendo-se com dores) Meu Deus! que terríveis e desconhecidas dores são estas?... Horror! Três vezes horror! E' o remorso a roer-me a consciência! (Desvairado) Ah! não... não... Antes a morte!... Como posso eu aparecer mais na sociedade com a consciência toda roída? Não... Antes a morte... Deito em volta um ansioso olhar, mas não vejo com que matar-me... Procura ávidamente... Nada... Ah!... Agora por nada... Uma ideia!... Estes pesados aparelhos de gesso tolhem-me os movimentos e não me deixarão voltar ao de cima... Adeus, terra!... Adeus, mundo!... (Mergulha em profundo cismar e morre afogado).

(CAI O PANO)

(Condensado da Antologia dos Humoristas — Contos Alegres Portugueses)

**ASSINATURAS**

3	>	(13 n. <sup>os</sup> )	19\$00
6	meses	(26 n. <sup>os</sup> )	35\$00
12	>	(52 n. <sup>os</sup> )	70\$00

Pedidos para a nossa Administração.

**FACTOS FEITOS**

(Continuação da 4.<sup>a</sup> pág.)

caro e mal! Ao almoço há sempre bacalhau com grão, bifes (?) com batatas e «feijão verde» (nome que dão ás vagens)! A' noite, bifes (?) com «feijão verde» e bacalhau com grão!... Comem ali um niquinho, exteriorizam-se flautentamente e dizem ter comido como uns abades... Tenho a certeza que nunca pertenceram a um consistório. Quanto a bebidas, existem umas tintas de pintar tabolettas, muito apreciáveis...

Ah! Meu Porto! Como tu és grande com as tuas bacalhauzadas regadas com o sublime verdasco!... Como tu és grandel!... E pode, nestas condições, haver razão para grandes festejos pela tomada de Lisboa aos mouros?! Não pode! O caso não é motivo para admiração, nem o feito foi notável! Como é que os mouros que lá estavam podiam resistir ao D. Afonso Henriques, que se amamentou com verde tinto? Deu-se o inevitável: caíram todos... de fraqueza!...

# Anedotas da minha avó

— Papá, quando eu fôr crescido, quero casar com a minha avózinha.

— Então tu, pateta, queres casar com a minha mãe?

— E o papá não casou com a minha?



Um que empina, outro que deseja:

— Sabes o que te digo? Que ao corpo se lhe deve dar às vezes o contrário do que pede. Pede-te água? pois dá-lhe vinho e mais vinho.

— Nesse caso, alguma vez se lhe há-de dar o que ele peça.

A dona da casa zanga-se com a cozinheira:

— Quem manda aqui sou eu!... Ou você julga que é a patroa?...

— Não, minha senhora! Mas...

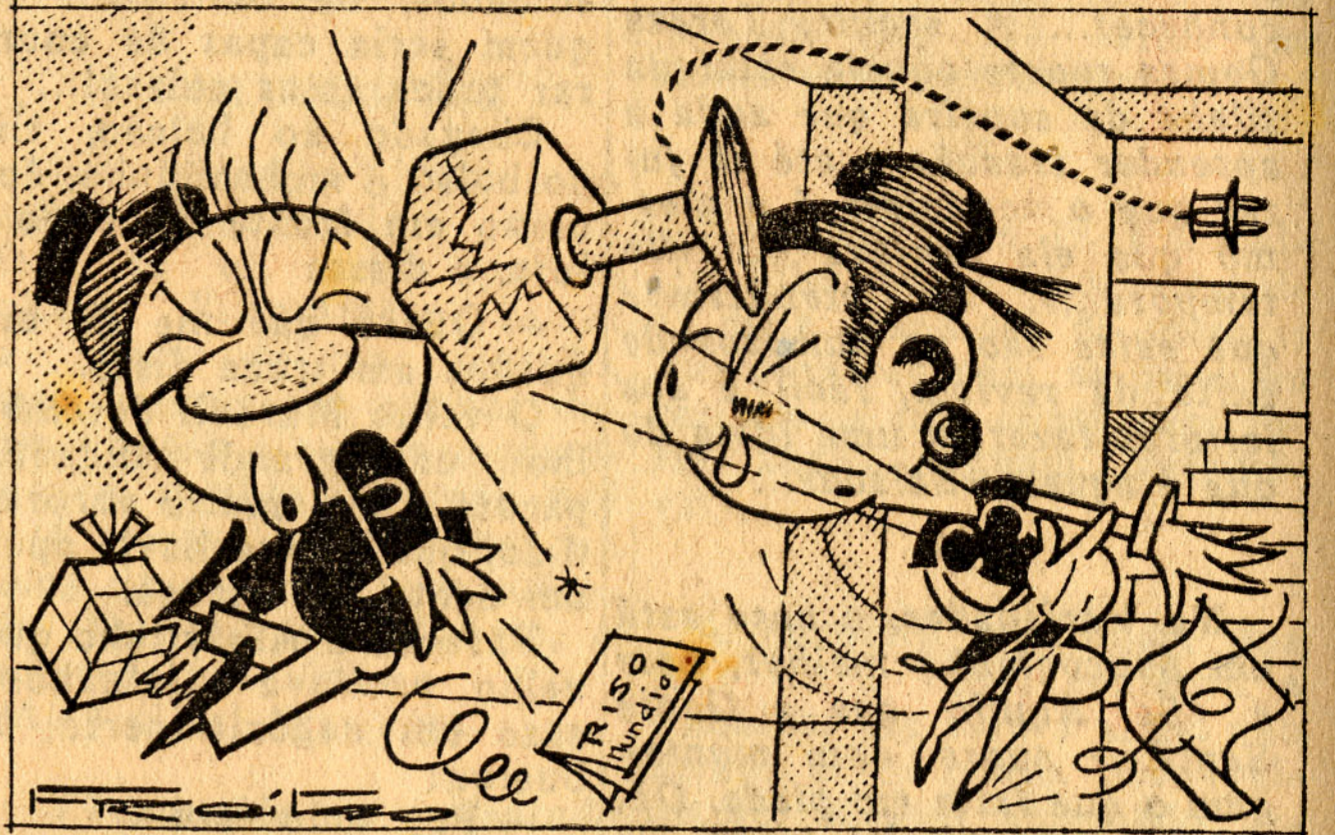
— Então, se não é a patroa, para que está a fazer essa cara de estúpida?...



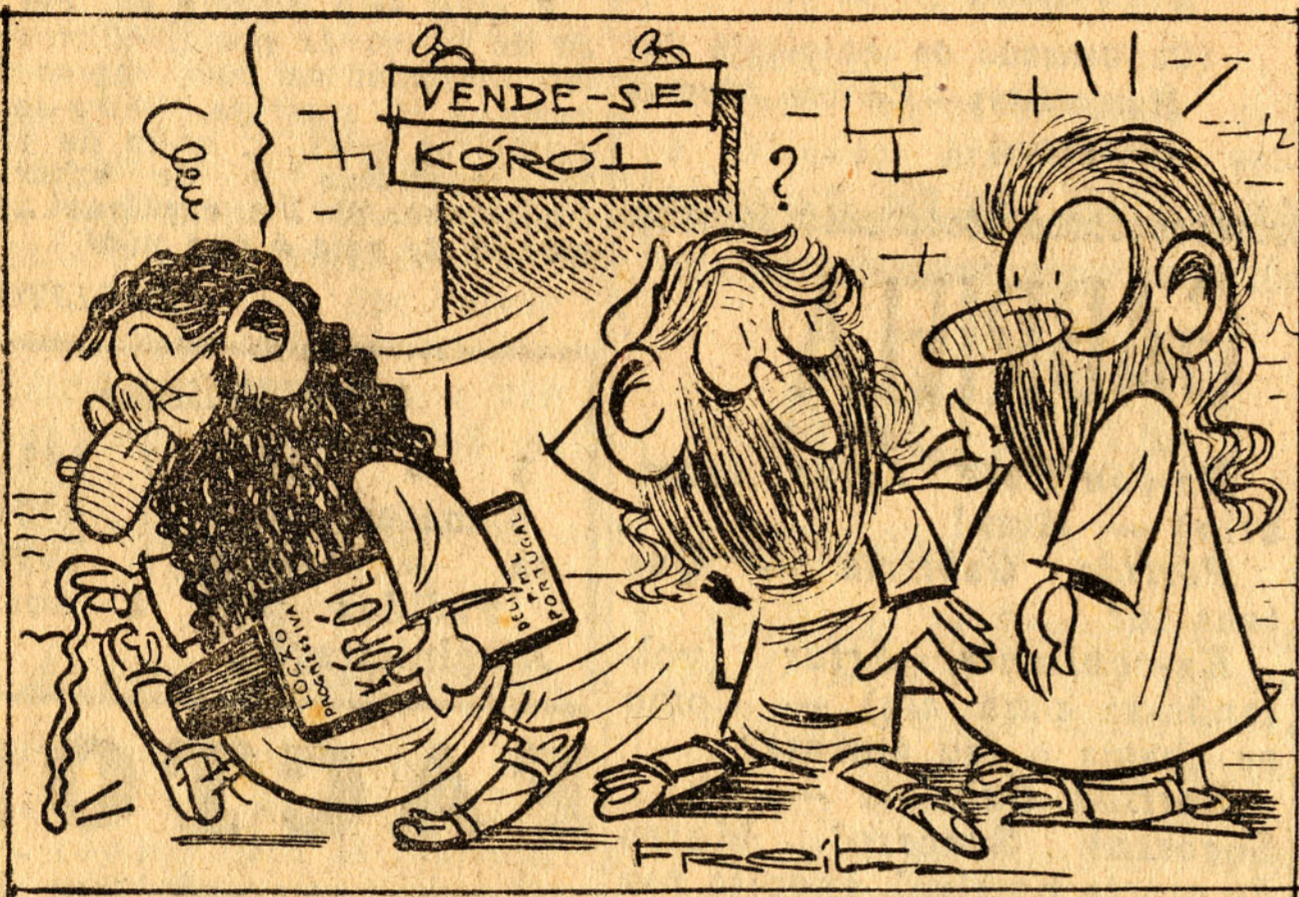
O dono da casa: — Seja bem-vindo, meu caro. Então, a sua esposa não veio?

O convidado: — Ora esta! Lá me parecia que me tinha esquecido alguma coisa!

# AS VITIMAS DA SEMANA

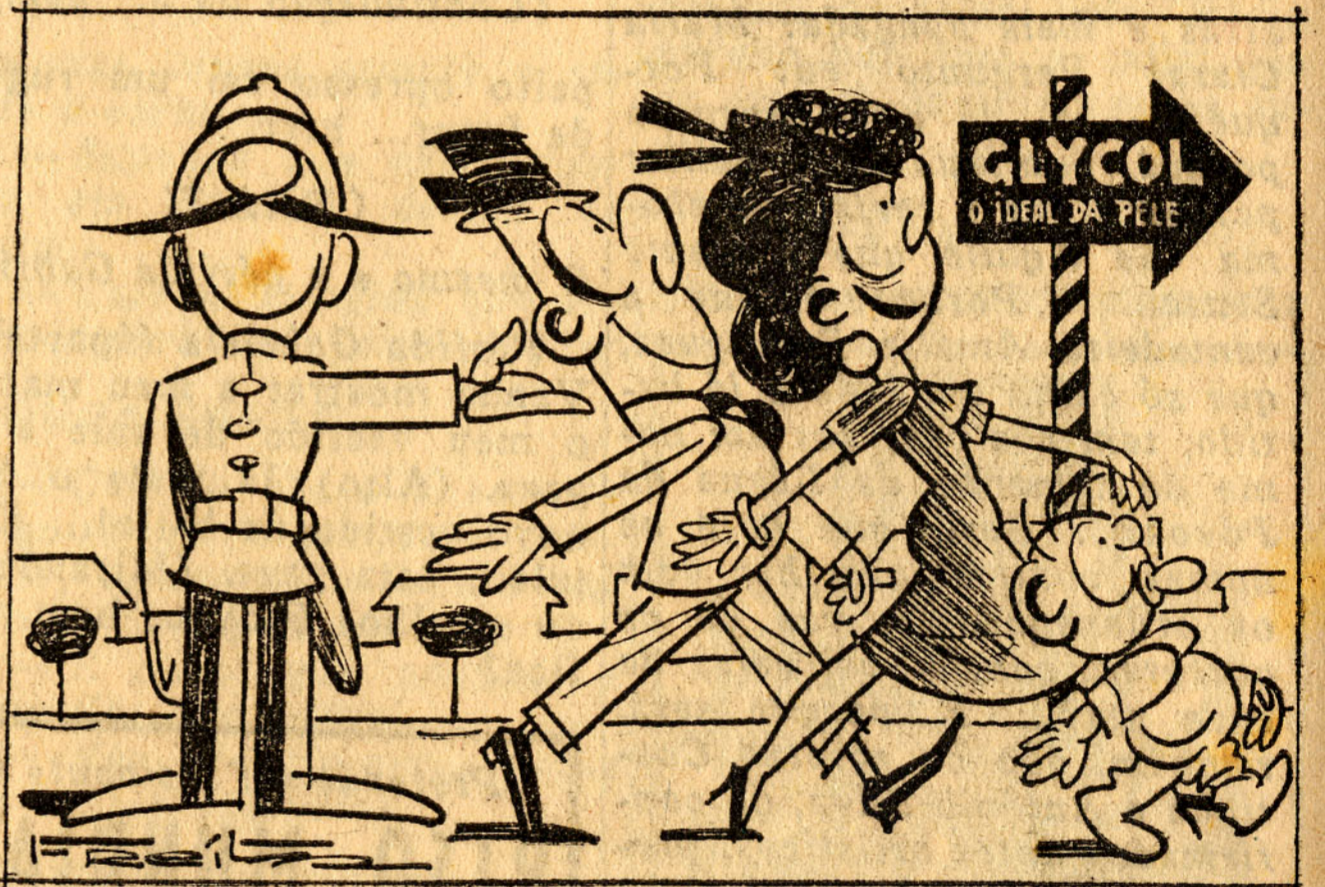


— E' curioso! Quantas vezes queres que te diga que os melhores vidros são os da «FÁBRICA DE VIDROS LUSITANIA» da Marinha Grande?

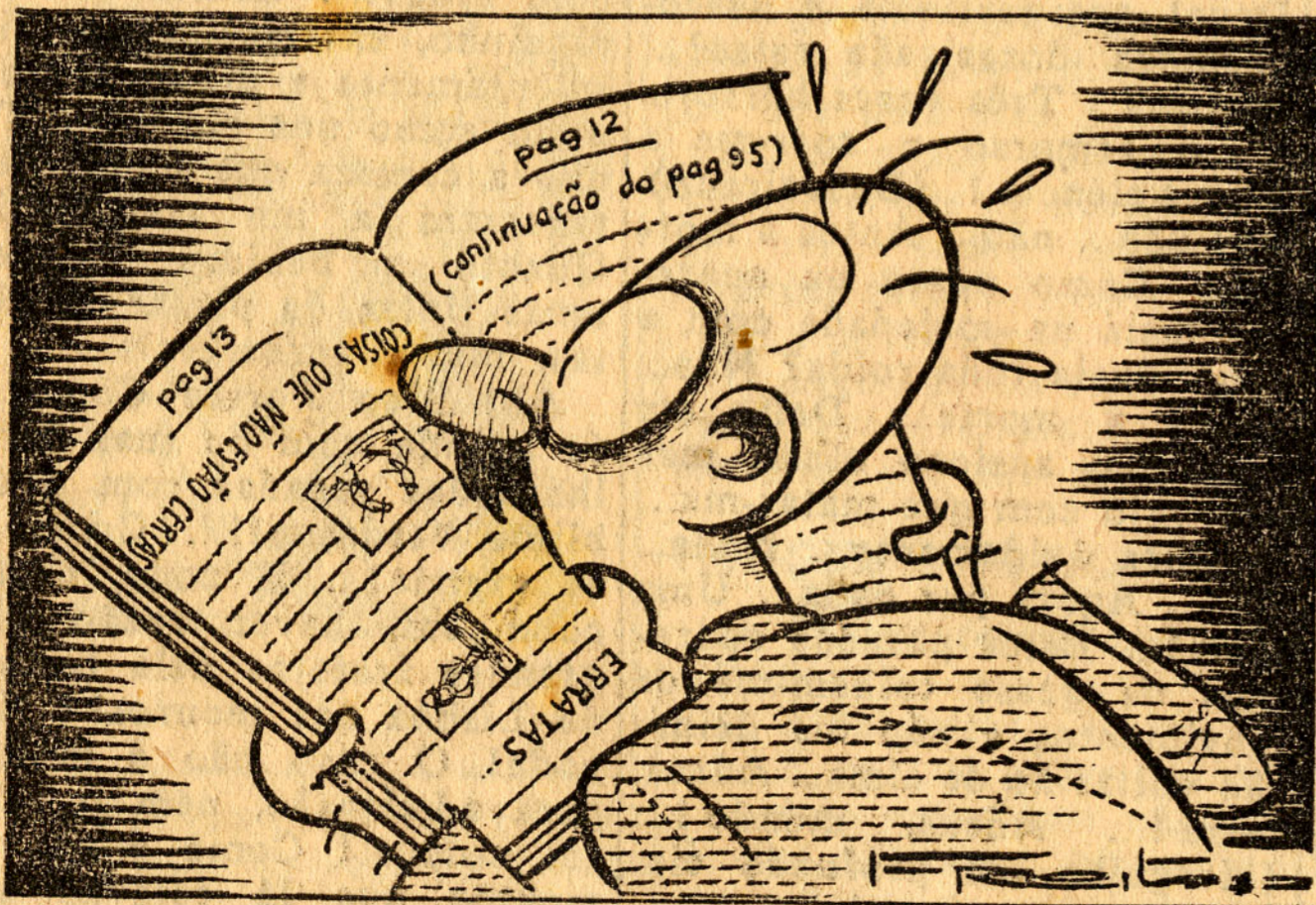


— E' espantoso!... O velho Mathusalém apesar dos seus seiscentos anos, ainda não tem um único cabelo branco!...

— Ora a grande coisa! Não vês que hó mais de quinhentos anos que ele usa KORÓL, a loção que faz voltar a cor primitiva dos cabelos e se vende nas Perfumarias MIMOSA e ROSA D'OURO!...



— Siga sempre pelo direito, isto é use o GLYCOL — o ideal da pele de toda a gente!...



— «Isto com certeza não é um trabalho de BERTRAND & IRMÃOS, LD.ª!...» E não é mesmo! Porque nesta casa não se fazem coisas de pernas para o ar...

## BOLETIM DO CONCURSO: «HÁ HORAS FELIZES!»

Nome: .....

Morada: .....

# 49

Preencher, recortar e enviar á redacção.